

## TRADUÇÃO

GARFINKEL, H. Passagem e gerenciamento do status sexual em uma pessoa “intersexuada” In: \_\_\_\_\_. *Studies in ethnomethodology*. Cambridge: Polity Press, 1996 [1967]. Cap. 5. P. 116-185 e Apêndice P. 285-288.

## CRÉDITOS DA TRADUÇÃO

A tradução deste texto foi coordenada pela prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Clara Castellões de Oliveira, e executada por Clara Peron Da Silva, Diogo Filgueiras Britto, Luy Braida Ribeiro Braga e Bráulio de Oliveira Silveira. A revisão técnica e o estabelecimento do texto final foram realizados pelos professores Dr. Paulo Cortes Gago (Departamento de Letras) e Dr. Raul Francisco Magalhães (Departamento de Ciências Sociais), da Universidade Federal de Juiz de Fora.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à prof<sup>a</sup> Dra. Anne W. Rawls da Bentley University que gentilmente permitiu a publicação sem custos do presente capítulo e ao prof. Dr. Frédéric Vandenberghe do IESP/UERJ, que mediou essa solicitação. Agradecemos especialmente à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF, representada à época pela prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Cristina Lobo Name, por ter-nos disponibilizado os recursos públicos necessários para viabilizar a tradução. Pela mesma razão, cabe-nos agradecer ao prof. Jessé Souza, que fomentou parte desse projeto com recursos do Pronex-FAPEMIG. Agradecemos à prof<sup>a</sup>. Maria Clara Castellões de Oliveira por ter acolhido o nosso projeto de tradução no âmbito de seu curso de bacharelado de tradução da UFJF e tê-lo levado a cabo com tanto profissionalismo e cuidado. Agradecemos também ao prof. Dr. Berthold Öelze, da Universidade de Passau (Alemanha), como um dos incentivadores iniciais do projeto de traduzir para o Português textos essenciais em Etnometodologia por ocasião de sua vinda à UFJF, como professor visitante do Departamento de Ciências Sociais, em 2008.

## APRESENTAÇÃO DA TRADUÇÃO

Apresentamos ao público brasileiro a tradução do capítulo cinco da obra seminal *Studies in Ethnomethodology* (Estudos de Etnometodologia), escrita pelo sociólogo Harlod Garfinkel (1917-2011) e publicada pela primeira vez em 1967. Garfinkel já era então professor da Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA), onde desenvolveu a maior parte de sua carreira e tornou-se professor emérito.

No capítulo em questão – “Passagem e gerenciamento do *status* sexual em uma pessoa “intersexuada” parte 1.” – Garfinkel conta-nos um caso específico, a saber o da “passagem” de Agnes, uma moça de 19 anos à época, que, apesar ter nascido e sido criada como um menino, conseguiu, em 1958, realizar uma cirurgia de mudança de sexo e “gerenciou” com muita habilidade a construção do seu próprio caso como o de uma “mulher natural, normal”, que sempre tivera o direito a esse tratamento. O capítulo é um ensaio empírico em torno da ideia de que as pessoas são “metodólogas práticas”, com capacidade reflexiva para constituir e manipular a normalidade de uma identidade de gênero como uma “incessante realização prática”, atendendo a necessidades situadas. Agnes é um interessante caso de aprendizado e gerenciamento da ordem social por um indivíduo não nascido e nem criado como mulher, que queria e precisava sublinhar a absoluta naturalidade de se separar o mundo entre homens e mulheres, ao mesmo tempo em que convencia a todos de que, nessa ordem natural, ele era, e sempre fora, uma mulher, não obstante ser portadora, até os 19 anos, de um pênis e uma biografia de menino. Passar de menino a mulher era, para Agnes e para um grupo de médicos e cientistas com os quais ela lidou e convenceu, usando histórias cuidadosamente gerenciadas, recolocar o mundo social na ordem dada e natural das coisas, na qual mulheres obviamente portam vaginas e homens, pênis. É uma leitura intrigante e talvez um dos textos mais exemplares da etnometodologia, no qual é possível mostrar, no plano da ação prática, o jogo das estruturas pressupostas pelos membros, como elas são acionadas para referendar o mundo da ordem normal, mesmo quando se trata de afirmar que há mulheres naturais que precisam, por isso mesmo,

de remover um pênis e uma biografia que só causam confusão e mal entendidos à ordem que todos pressupõem.

Paulo Cortes Gago e Raul Francisco Magalhães

## PASSAGEM E GERENCIAMENTO DO STATUS SEXUAL EM UMA PESSOA “INTERSEXUADA” PARTE 1<sup>1</sup>

Toda sociedade exerce controles rígidos sobre as transferências de pessoas de um *status* para outro. No que diz respeito às transferências de status sexuais, esses controles são particularmente restritivos e rigorosamente aplicados. Apenas em ocasiões altamente ritualizadas são permitidas mudanças e, então, tais transferências são caracteristicamente consideradas como variações “temporárias” e “de brincadeira” sobre o que a pessoa “apesar de tudo”, e “realmente” é. Portanto, as sociedades exercem controles rígidos sobre as maneiras pelas quais a composição sexual das próprias populações são constituídas e alteradas.

Do ponto de vista de pessoas que se consideram como normalmente sexuadas, o ambiente tem uma composição sexual perceptivelmente normal. Essa composição é rigorosamente dicotomizada nas entidades “naturais”, i.e., morais de homem e mulher. A dicotomia prevê pessoas que são “naturalmente”, “originalmente”, “em primeiro lugar”, “no princípio”, “desde sempre” e “para sempre” uma ou outra. Mudanças na frequência dessas entidades morais podem ocorrer apenas através de três caminhos legítimos: nascimento, morte, e migração.

Exceto por uma mudança legal na certidão de nascimento, nenhum caminho legítimo existe entre os status de homem e mulher. Mesmo a mudança legal é vista com reserva considerável pelos membros da sociedade que tomam, *bona fide*, como dado seu status sexual.

A composição sexual normativa, i.e., legítima, da população, tal como é observada na perspectiva de membros que se consideram parte da população percebida como normalmente sexuada, pode ser descrita na seguinte tabela de probabilidades de transição:

		No tempo 1	
		Homem	Mulher
No tempo 1	Homem	1.0	0.0
	Mulher	0.00	1.0

Este estudo relata um entre uma série de casos que se encaixam dentro das células inferior esquerda e superior direita, normativamente proibidas. Essas pessoas estão sendo estudadas nos Departamentos de Psiquiatria, Urologia, e Endocrinologia no Centro Médico da Universidade da Califórnia em Los Angeles. Essas pessoas têm irregularidades anatômicas severas. Em cada caso a transferência ocorreu tarde no ciclo de desenvolvimento da vida e foi realizada como uma questão mais ou menos clara de escolha pessoal. Anomalias anatômicas severas — por exemplo, o caso a ser abordado aqui é o de uma garota de dezenove anos criada como um garoto, cujas medidas femininas de 38-25-38 (polegadas) eram acompanhadas de um pênis e de um escroto plenamente desenvolvidos — eram contraditórias com as aparências, que seriam, de outro modo, apropriadas aos direitos reivindicados de viver em status sexuais fornecidos culturalmente. As transferências foram acompanhadas pela adesão, por cada uma dessas pessoas, à concepção cultural de uma composição sexual dicotomizada, na qual, com insistência veemente, elas se incluíram. Tal insistência não foi acompanhada por deficiências de ego interessantes clinicamente. Essas pessoas contrastam, de muitas maneiras interessantes, com os travestis, transexuais e homossexuais.

Em cada caso, as pessoas gerenciavam a aquisição de seus direitos de viver no status sexual escolhido, ao mesmo tempo em que operavam com as convicções realistas de que a revelação de seus segredos traria ruína, rápida e certa, na forma de degradação de status, trauma psicológico, e perda de vantagens materiais. Cada uma teve como uma tarefa prática permanente adquirir os direitos de serem tratadas e de tratar os outros de acordo com as prerrogativas obrigatórias do status sexual eleito. Elas tiveram como recursos sua consciência notável e o senso de conhecimento incomum da organização e da operação das estruturas sociais que eram, para aquelas pessoas que são capazes de tomar como dado seus status sexuais rotinizados, fundamentos “vistos, mas não notados” dos afazeres cotidianos.

Elas tiveram, também, grandes habilidades nas manipulações interpessoais. Embora seus conhecimentos e suas habilidades interpessoais fossem de caráter marcadamente instrumental, de maneira nenhuma eram exclusivamente assim.

Chamarei de “passagem” o trabalho de adquirir e tornar seguros os seus direitos de viver no status de sexo escolhido, ao mesmo tempo em que se fornece a possibilidade de detecção e ruína realizadas dentro das condições socialmente estruturadas, nas quais este trabalho ocorreu.

Nas vidas dessas pessoas, o trabalho e as ocasiões socialmente estruturadas de passagem sexual foram obstinadamente resistentes às suas tentativas de rotinizar os ciclos das atividades cotidianas. Essa obstinação aponta para a importância do status sexual nos afazeres da vida cotidiana como um fundamento invariável, mas não notado, na trama de relevâncias que constituem as cenas reais em mutação da vida cotidiana. As experiências dessas pessoas intersexuadas permitem uma apreciação desses fundamentos relevantes, que são, de outro modo, facilmente negligenciados, ou difíceis de capturar, por causa do caráter rotinizado e porque estão tão imbricados em um fundamento de relevâncias que estão simplesmente “lá” e que são tomados como dados.

Irei limitar minha atenção neste artigo à discussão de um caso. Gostaria de contar o que essa pessoa teve especificamente de esconder, a relevância estrutural de seus segredos, as situações socialmente estruturadas de crise, as estratégias de gerenciamento e justificativas que ela empregou, e a relevância dessas considerações para a tarefa de tratar as circunstâncias práticas como um fenômeno sociológico.

## AGNES

Agnes apareceu no Departamento de Psiquiatria da U.C.L.A. em outubro de 1958, onde ela havia sido encaminhada para o Dr. Robert J. Stoller por um médico particular de Los Angeles, para o qual Agnes havia, por sua vez, sido encaminhada pelo seu médico de sua cidade natal, Northwestern City. Agnes era uma garota de dezenove anos, branca, solteira, que na época era independente financeiramente e trabalhava

como datilógrafa para uma companhia de seguros local. Seu pai era um maquinista, que morreu quando Agnes era uma criança. Sua mãe sustentou uma família de quatro filhos, dos quais Agnes era a mais nova, com trabalhos ocasionais e semi-especializados em uma fábrica de aviões. Agnes disse que foi criada como católica, mas não havia comungado nos últimos três anos. Ela disse que não mais acreditava em Deus.

A aparência de Agnes era convincentemente feminina. Ela era alta, magra, com uma silhueta muito feminina. Suas medidas eram de 38-25-38 (polegadas). Tinha cabelo louro escuro, longo e fino e, um rosto jovem com feições bonitas, pele clara e rosada, tom de pêssego, nenhum pelo facial, sobrancelhas sutilmente cuidadas, e nenhuma maquiagem, exceto batom. Na primeira vez em que ela apareceu, estava vestida com um suéter apertado, que marcava seus ombros magros, seios grandes, e cintura fina. Seus pés e mãos, embora um pouco maiores do que o normal para uma mulher, não chamavam atenção de maneira alguma. Sua maneira normal de vestir-se não a distinguia de uma garota típica de sua idade e classe. Não havia coisa alguma de extravagante ou exibicionista em seu traje, nem havia qualquer indício de mau gosto, ou de que ela se sentisse pouco à vontade com suas roupas, como é visto tão frequentemente em travestis e em mulheres com distúrbios na identificação sexual. Sua voz, afinada como contralto, era macia, e, quando falava, ela ocasionalmente colocava a língua entre os dentes, de forma similar a homossexuais masculinos querendo parecer com mulheres. Seu comportamento era apropriadamente feminino, um pouco desengonçado, como é típico dos meados da adolescência.

Detalhes de suas características médicas, físicas e endocrinológicas foram reportados alhures<sup>1</sup>. Para resumir suas características médicas, físicas e endocrinológicas, anteriores a quaisquer procedimentos cirúrgicos, ela parecia como uma pessoa com contornos de corpo e padrão de cabelo femininos. Tinha seios grandes, bem desenvolvidos, coexistindo com a genitália externa normal de um homem. Uma laparotomia abdominal e o exame pélvico e suprarrenal, realizados dois anos antes de ela ter sido examinada pela primeira vez na U.C.L.A., não revelaram nem útero ou ovários, nenhuma

evidência de algum vestígio de aparato feminino nem qualquer massa de tecido anormal no abdômen, na área retroperitoneal, ou pélvis. Uma biópsia testicular bilateral mostrou um pouco de atrofia nos testículos. Um grande número de exames de laboratório no sangue e urina, assim como exames de raios-X do tórax e crânio, estavam todos dentro dos limites normais. Um esfregaço bucal e uma biópsia da pele revelaram um padrão cromático (masculino) negativo. Havia evidências de uma amostra uretral que mostrava cornificação celular sugestiva de atividade estrogênica (hormônio feminino) moderadamente alta.

Agnes nasceu menino com genitais masculinos aparentemente normais. Uma certidão de nascimento para um homem foi emitida e ela foi apropriadamente nomeada. Até a idade de dezessete anos, foi reconhecida por todos como um garoto. Na biografia fornecida a nós durante muitas horas de conversas, o papel masculino foi, tanto, consistentemente, quanto insistentemente, descrito como difícil e pobremente gerenciado. Seus relatos exageraram as evidências de sua feminilidade natural e suprimiram as evidências de masculinidade. As características secundárias do sexo feminino se desenvolveram na puberdade. De acordo com seus relatos, os anos relativos ao ensino fundamental foram, pelo menos, toleráveis, enquanto que os três anos de ensino médio foram estressantes ao extremo. Aos dezessete anos, ao fim da segunda série do ensino médio, ela se recusou a voltar para completar a última série. Isso foi em junho de 1956. Depois de planejamento considerável, ensaios, dietas para “me tornar bonita” e preparações similares, ela deixou sua cidade natal em agosto de 1956 para uma visita de um mês a uma avó em Midwest City. No fim da visita de um mês, de acordo com o planejado, ela saiu da casa da avó sem deixar notícias de seu paradeiro, e em um hotel do centro da cidade mudou suas roupas para trajes femininos com a esperança de encontrar um emprego naquela cidade. Por várias razões se sentiu incapaz de completar o plano de permanecer em Midwest City e, depois de ligar para sua mãe, retornou para casa na noite da mudança. No outono de 1956, deu entrada em um hospital em sua cidade natal para fazer exames e a laparotomia exploratória, que foi feita sob a

supervisão de seu médico particular. Durante o outono de 1956, e após sua hospitalização, continuou sua escolarização com a ajuda de um tutor, que havia sido providenciado por meio de um acordo entre sua mãe e o sistema público de educação. Ela se desgastou com isso, se ressentindo do confinamento. Em dezembro de 1956, o tutor foi dispensado, e Agnes conseguiu um emprego como datilógrafa em uma pequena fábrica nos arredores da cidade. Continuou em seu emprego até agosto de 1957, quando, acompanhada por amigas, veio para Los Angeles. Morou em Long Beach com uma amiga e trabalhou no centro de Los Angeles, em um pequeno escritório de seguros. Em dezembro de 1957, ela e a colega de quarto mudaram-se para o centro de Los Angeles “para ficarmos mais perto do nosso trabalho”. Em fevereiro de 1958, encontrou seu namorado, Bill, e em abril de 1958, para ficar mais perto dele, mudou-se para San Fernando Valley. Deixou o emprego em março de 1958 e ficou sem emprego na época em que mudou-se para o Vale. Depois de uma sucessão de crises com seu namorado, retornou para sua cidade natal em abril de 1958, para consultar seu médico anterior, a fim de obter uma carta dele “explicando” a sua condição para o namorado. Essa carta foi deliberadamente escrita pelo seu médico de uma maneira geral para, assim, mascarar o caráter real da dificuldade. O namorado achou isso apenas temporariamente satisfatório. A crescente insistência dele em ter relação sexual e em planos para casamento, os quais Agnes frustrava, produziram uma série de brigas cada vez mais severas. Em junho de 1958, Agnes revelou sua condição real para o namorado e o romance continuou nessas bases. Em novembro de 1958, Agnes foi vista pela primeira vez na U.C.L.A. Conversas regulares a intervalos semanais foram realizadas até agosto de 1959. Em março de 1959, uma operação de castração foi executada na U.C.L.A., na qual foram retiradas as peles do pênis e do escroto, o pênis e os testículos, amputados, e a pele do pênis amputado foi usada para construir uma vagina, já os lábios foram construídos da pele do escroto.

Durante esse período, Agnes foi vista regularmente pelo Dr. Robert J. Stoller, psiquiatra e psicanalista, Dr. Alexander Rosen, psicólogo, e por mim. Aproximadamente trinta e cinco horas de conversas que tive com ela foram registradas

em fita. Minhas observações neste artigo são baseadas nas transcrições desse material e nos materiais coletados por Stoller e Rosen, com os quais o artigo foi feito de forma colaborativa.

### AGNES, A MULHER NATURAL, NORMAL

Agnes tinha uma preocupação prática permanente com a sexualidade feminina competente. A natureza de suas inquietações, assim como a incongruência que tal inquietação permanente representa para o “senso comum”, nos permite descrever, pelo menos preliminarmente, os aspectos estranhos que a população de pessoas legitimamente sexuadas exibe como características objetivas do ponto de vista de pessoas que são capazes de tomar como dado seu próprio status normalmente sexuado. Para esses membros, ambientes percebidos de pessoas sexuadas são povoados com homens naturais, mulheres naturais, e pessoas que permanecem em contraste moral com elas, i.e., incompetentes, criminosas, doentes e pecadoras. *Agnes concordava com os normais em sua adesão a essa definição de um mundo real de pessoas sexuadas, e tratava isso, assim como eles, como uma questão de fatos objetivos, institucionalizados, i.e., fatos morais.*

Agnes insistia veementemente que era, e deveria ser tratada como, uma mulher natural, normal. O que se segue é uma lista preliminar de propriedades de “pessoas naturais, normalmente sexuadas” como objetos culturais. Vislumbradas como uma paráfrase antropológica da crença dos membros, essas propriedades devem ser lidas com o uso do prefixo invariável, “Do ponto de vista de um membro adulto de nossa sociedade, ...”. Os exemplos são fornecidos a respeito das duas primeiras propriedades.

1. Do ponto de vista de um membro adulto da nossa sociedade, o ambiente percebido de “pessoas normalmente sexuadas” é povoado por dois sexos e apenas dois sexos, “masculino” e “feminino”.

2. Do ponto de vista de um membro adulto da nossa sociedade, a população de pessoas normais é uma população moralmente dicotomizada. A questão de sua existência é decidida como uma questão de concordância

motivada com essa população como uma ordem legítima. Não é decidida como uma questão de fato biológico, médico, urológico, sociológico, psiquiátrico ou psicológico. A questão de sua existência é, ao contrário, decidida consultando tanto as probabilidades de que a concordância com essa ordem legítima possa ser obrigatória, quanto as condições que determinam essas probabilidades.

3. O membro adulto se inclui nesse ambiente e se considera como um ou outro, não apenas como uma condição de autorrespeito, mas como uma condição, por meio da qual o exercício de seus direitos a viver sem riscos excessivos e interferência de outros é rotineiramente obrigatória.

4. Os membros da população normal, para ele os membros bona fide dessa população, são essencialmente, originalmente, em primeiro lugar, sempre foram, e sempre serão, de uma vez por todas, na análise final, ou “homens” ou “mulheres”.

5. Certas insígnias são consideradas pelas pessoas normais como essenciais em sua função identificadora, enquanto que, outras qualidades, ações, relacionamentos, e coisas semelhantes, são tratados como transitórios, temporários, acidentais, circunstanciais, e todo o resto. Para os normais, a posse de um pênis por um homem e uma vagina por uma mulher são insígnias essenciais. Sentimentos apropriados, atividades, obrigações de afiliação e similares por diante, são atribuídos a pessoas que possuem pênis e vaginas. (No entanto, a posse de um pênis ou uma vagina como um evento biológico deve ser distinguida da posse de um ou outro, ou ambos, como um evento cultural. As diferenças entre pênis e vaginas culturais e biológicas como evidências socialmente empregadas de “sexualidade natural” serão comentadas mais detalhadamente posteriormente).

6. As pessoas normais reconhecem o novo membro como homem ou mulher, não apenas na ocasião em que aparecem pela primeira vez, por exemplo, o neonato, mas também antes disso. Estende-se também a toda a ascendência e para

a posteridade. O reconhecimento não é alterado pela morte de um membro .

7. Para as pessoas normais, a presença no ambiente de objetos sexuais tem o aspecto de “uma questão de fato natural”. Essa naturalidade carrega junto com ela, como uma parte constituinte de seu significado, o sentido de estar certo e correto, i.e., apropriado moralmente que seja dessa maneira, porque é uma questão de fato natural, para os membros da nossa sociedade que existem apenas homens naturais e mulheres naturais. A boa sociedade, para o membro, é composta apenas de pessoas que são, ou um sexo ou o outro. Portanto, o membro *bona fide* da sociedade, dentro daquilo a que ele adere assim como espera que os outros venham a aderir como crenças comprometidas com “questões de fato naturais”, em relação às distribuições de pessoas sexuais na sociedade, acha as afirmações de ciências como a zoologia, a biologia e a psiquiatria estranhas. Essas ciências argumentam que as decisões sobre sexualidade são questões problemáticas. A pessoa normal acha estranho e difícil dar crédito às distribuições “científicas” de ambas características, masculinas e femininas, entre as pessoas, ou a um procedimento para decidir a sexualidade que adicione listas de características masculinas e femininas e tome o seu excesso como o critério do sexo do membro, ou à prática de usar os primeiros três anos de formação para decidir a sexualidade, ou ao fato de haver na sociedade familiar a presença de homens que têm vaginas e mulheres que têm pênis.

Essa caracterização do “senso comum” não é, de maneira alguma, limitada à opinião não profissional. Por exemplo, um membro de destaque de um proeminente Departamento de Psiquiatria neste país comentou, depois de ouvir sobre o caso, “eu não entendo porque alguém precisa ter tanto interesse em casos como esse. Ela é, no fim das contas, uma ocorrência muito rara. Essas pessoas são, no fim das contas, aberrações da natureza”. Não poderíamos ter solicitado uma fórmula mais de senso comum. Uma medida da extensão do comprometimento do membro com a ordem moral de tipos sexuais consistiria na relutância em dar crédito à caracterização que se afasta dos “fatos reais da

vida”. Como veremos depois Agnes também nos ensinou, de muitas maneiras diferentes, embora involuntariamente, o caráter institucionalmente motivado dessa relutância.

Enfatizei várias vezes que, para o membro *bona fide*, “normal” significa “de acordo com os costumes”. A sexualidade como fato natural da vida significa, portanto, sexualidade como um fato natural e moral da vida. A vontade do membro, portanto, de tratar a sexualidade normal como um objeto de interesse teórico requer, ao decidir por si mesmo a natureza real de pessoas sexuais, que ele suspenda a relevância de suas circunstâncias práticas rotinizadas institucionalmente. Descobrimos, no entanto, que o membro normal não trata a sexualidade, sua própria ou a de outros, como uma questão de mero interesse teórico, considerando que esse é, em princípio, o limite de nosso interesse investigativo no fenômeno de sexualidade normal como também o é em outras ciências. A pessoa normal também trata o caráter sexual de pessoas que povoam seu ambiente cotidiano como uma qualidade que é “decidida pela natureza”. Essa qualidade, uma vez que a “natureza” do membro a decide, se mantém, conseqüentemente, independente de tempo, ocasião, circunstância, ou considerações de vantagem prática. A afiliação da pessoa como um membro normalmente sexual, homem ou mulher, tem a característica de, e é tratada pela pessoa normal como permanecendo invariável durante toda a biografia dessa pessoa e através de toda sua vida futura e além. Sua afiliação sexual permanece imutável através de qualquer tempo de vida real e potencial imputado. Para usar as palavras de Parsons, é “invariável a todas as exigências”.

8. Do ponto de vista de um membro normal, se alguém examina a população de pessoas sexuais a um dado tempo, contando a presença de homens e mulheres, e um tempo mais tarde examina a população de novo, nenhuma transferência terá ocorrido de um status sexual a outro, exceto para aquelas transferências que são ritualmente permitidas.

Nossa sociedade proíbe movimentos voluntários ou aleatórios de um status sexual para outro. Insiste que tais transferências sejam acompanhadas por controles bem conhecidos,

que acompanham fingimentos, encenações, comportamento em festas, comportamento em reuniões, espionagem e outras situações semelhantes. Tais mudanças são tratadas, tanto por aqueles que fazem as mudanças, como por aqueles que as observam nos outros, como limitadas, tanto pelo relógio, como pelas ocasiões e circunstâncias práticas. Espera-se que essa pessoa “depois da peça” “pare de encenar”. A caminho de casa depois da festa, a pessoa pode ser lembrada de que a festa “acabou”, e que deveria se comportar como a pessoa que “realmente é”. Tais admoestações, como uma “primeira linha de controle social”, constituem sanções comumente encontradas, por meio das quais as pessoas são lembradas de encenar de acordo com as atitudes, aparências, afiliações, roupas, estilo de vida, ciclo de vida esperadas e coisas similares, que são determinadas pelas instituições principais. Em nossa sociedade, essas sanções constituem-se proeminentemente de grupos ocupacionais e de relações de parentesco com seus respectivos status pretensamente obrigatórios. Sua importância é essa: as pessoas são obrigadas a aceitá-las, independente de seus desejos, i.e., “gostando ou não”. Do ponto de vista da pessoa normal, as mudanças na composição da população podem ser realizadas apenas pelos caminhos de nascimento, morte e migração.

Agnes estava totalmente consciente de que um caminho alternativo havia sido percorrido, de que foi percorrido raramente, e de que a transferência era severamente passível de punição. Tal como Agnes, a pessoa normal sabe que há aqueles que fazem a mudança, mas a pessoa normal, assim como ela, considera tais indivíduos como aberrações, incomuns, ou bizarras. Caracteristicamente, a pessoa normal acha a mudança em si difícil de “entender” e clama por punição, ou solução médica. Agnes não se afastou desse ponto de vista embora seu sexo fosse para ela uma questão de escolha voluntária entre as alternativas disponíveis. Esse conhecimento era acompanhado por uma pesada necessidade de justificar a escolha. A escolha consistia em preferir viver como a pessoa normalmente sexuada que ela sempre havia sido.

Agnes aderiu a essa descrição de um mundo real, embora houvesse para ela pessoas nesse mundo, entre as quais ela se incluía, que haviam

feito a mudança de um sexo para outro. Mesmo assim, sua história anterior contrastava, para ela, com aquilo que ela havia sido convencida a respeito de sua sexualidade normal. Buscando uma mudança de certidão de nascimento, Agnes tratou a mudança como a correção de um erro original cometido pelas pessoas que eram ignorantes dos “fatos reais”.

Agnes manteve a convicção de que não há muitas pessoas a quem se poderia contar o que havia feito e que “realmente entenderão”. Consequentemente, para Agnes um entendimento comum, de outra forma importante, dentre outros tinha a característica problemática que não ocorre às pessoas normais, particularmente no que diz respeito à dicotomia de tipos de sexo, a saber, Agnes era incapaz de exercer a suposição de que suas circunstâncias, como pareciam para ela, pareceriam de uma maneira mais ou menos idêntica para seus parceiros interacionais, caso trocassem de lugar. Podemos nos referir a isso como a existência de uma “comunidade de entendimento” problemática para e sobre pessoas sexuadas tratando o sexo umas das outras como conhecido em comum e dado como certo por eles.

9. Nos ambientes culturais de pessoas normalmente sexuadas, homens têm pênis e mulheres têm vaginas. Do ponto de vista de um membro normal, onde quer que haja casos de homens com vaginas e mulheres com pênis, há pessoas que, embora possam ser difíceis de se classificar, devem, contudo, ser a princípio classificáveis e consideradas como membros de um campo ou outro. Agnes também aderiu a essa visão como um fato natural da vida, embora essa mesma população incluísse pelo menos uma mulher com pênis, i.e., ela mesma, e depois da operação incluísse uma mulher com uma vagina feita pelo homem. Incluía outros, também, de quem ela tinha tomado conhecimento através de suas leituras e contatos com médicos, tanto em sua cidade natal, quanto em Los Angeles. De acordo com sua explicação, todos os outros além dela mesma eram pessoalmente desconhecidos por ela.

10. Que Agnes poderia insistir em seu pertencimento à população natural de pessoas sexuadas, embora fosse, anteriormente à

operação, uma mulher com um pênis e, depois da operação, uma mulher com uma vagina feita pelo homem, sugere uma outra propriedade importante de uma pessoa naturalmente sexuada. Quando comparamos as crenças de Agnes, não apenas com aquelas dos normais, mas com a que as pessoas normais acreditam sobre as pessoas cujos genitais, por uma razão ou outra, mudam de aparência, ou sofrem danos ou perdas, através do envelhecimento, doença, lesões ou cirurgia, observamos que isso não significa que as pessoas normais e Agnes insistam sobre a posse de uma vagina pelas mulheres (consideramos agora apenas o caso da mulher normal; o argumento idêntico permanece para os homens). Eles insistem sobre a posse de ou uma vagina que a natureza fez ou uma vagina que deveria ter estado sempre lá, i.e., a posse legítima. A vagina legitimamente possuída é o objeto de interesse. É a vagina a que a pessoa tem direito. Embora a “natureza” seja uma fonte preferida e bona fide de direito, os cirurgiões também o são se reparam o erro natural, i.e., se eles servem como agentes da natureza para fornecer “o que a natureza esperava que estivesse lá”. Não apenas essa vagina, mas apenas essa vagina como o caso da coisa de verdade. De maneira idêntica àquela que, para um membro de uma comunidade de linguagem, uma elocução linguística é o caso de uma-palavra-na-língua, ou, para um jogador, um movimento é um movimento-no-jogo, os genitais que servem ao membro normal como insígnia de afiliação normalmente sexuada consiste em pênis-e-vaginas-na-ordem-moral-de-pessoas-sexuadas. (Estou falando descritivamente. Proponho essas “essências” como atribuições que os membros encontram em seus ambientes. Para evitar qualquer mal-entendido, gostaria de enfatizar que estou lidando com dados. Não estou defendendo o realismo platônico como uma filosofia de ciência social).

As experiências de Agnes com uma prima, uma cunhada e uma tia podem esclarecer essa propriedade. Comentando sobre o que ela caracterizava como “ciúme” de sua prima quando um visitante do sexo masculino na casa de seu irmão, que não conhecia nenhuma das duas, claramente preferiu Agnes à sua prima, que era aproximadamente da mesma idade, Agnes comentou sobre a mudança de atitude

da prima de uma que era favorável a Agnes antes da viagem para Midwest City, mas que mostrou forte desaprovação posteriormente. De acordo com os comentários de Agnes, ela sentia que a prima pensava nela como uma mulher falsificada, não uma mulher real. Agnes falou que sua prima a sentia como uma rival. (A rivalidade retratada era reciprocamente sentida, pois Agnes disse que achava difícil “tirá-la da minha cabeça”). Semelhantemente, para a cunhada de Agnes, uma branda desaprovação por parte da cunhada anteriormente à viagem a Midwest City se transformou em uma hostilidade declarada após o retorno de Agnes. Agnes atribuiu isso ao ressentimento da cunhada de que Agnes era dificilmente a pessoa para se comparar à cunhada em afazeres de conduta doméstica e conjugal apropriada. Em comparação com essas rivais, Agnes comentou sobre a mudança dramática por parte da tia idosa, que acompanhou sua mãe à Los Angeles para cuidar de Agnes durante sua convalescença da operação de castração. Agnes caracterizou a tia como uma mulher natural sem problemas com isso. A tia, disse Agnes, refletia a atitude de outros membros da família. Essa atitude, disse Agnes, foi de uma aceitação geral anterior à viagem a Midwest City, consternação e desaprovação severa depois do retorno, e aceitação aliviada e tratamento dela como uma “mulher de verdade depois de tudo” (citação de Agnes da observação da tia) depois da operação e durante nossas conversas enquanto a tia estava em Los Angeles. O ponto: em cada caso o objeto de interesse não era a posse do pênis ou da vagina feita pelo homem, mas, no caso da prima e da cunhada, o pênis de Agnes era prima facie contraditório às alegações de Agnes, por suas outras aparências, de possuir a coisa de verdade. No caso da tia, embora a vagina fosse feita pelo homem, ela era um caso da coisa de verdade, uma vez que era algo a que se considerava que ela tivera direito o tempo todo. Tanto a tia quanto a mãe ficaram fortemente impressionadas pelo fato de que a operação havia sido mesmo feita “neste país”. Deve é claro ser enfatizado, que os médicos no Centro Médico da U.C.L.A., por meio de suas ações, reconstruíram e validaram a pretensão de Agnes ao seu status como uma mulher natural.

Algumas características adicionais de Agnes como uma mulher natural requerem menção.

Não apenas Agnes expressou diretamente a reivindicação “eu sempre fui uma garota”, como também isso foi levado adiante pelo recurso a uma biografia notavelmente idealizada, na qual evidências de sua feminilidade original foram exageradas, enquanto que evidências de uma mistura de características, sem falar em evidências claramente definidas de uma educação masculina, foram rigorosamente suprimidas. A criança Agnes em seus relatos não gostava de participar de jogos brutos como baseball; seu “maior” problema era ter que jogar jogos de meninos; Agnes era mais ou menos considerada um maricas; Agnes sempre foi a menor; Agnes brincava com bonecas e cozinhava bolinhos de barro para o irmão; Agnes ajudava a mãe com as tarefas domésticas; Agnes não lembra que tipos de presentes recebeu de seu pai quando era criança. Perguntei uma vez para Agnes, se ela tinha que fazer fila com os meninos na escola pública. Sua resposta assustada e zangada foi, “fazer fila com os meninos para quê!”. Quando contei a ela que estava pensando em fazer fila em uma aula de dança ou fazer fila para exames físicos na escola, Agnes disse, “fazer fila nunca aconteceu”. Perguntei a ela se exames médicos com os meninos nunca aconteceram. Ela concordou “isso mesmo, eles nunca aconteceram”. Passamos a nos referir à sua representação como 120% feminina. Não apenas em seus relatos, mas às vezes nas suas conversas comigo, Agnes era a “coisinha” recatada, sexualmente inocente, animada, passiva e receptiva. Como um tipo de contraparte dialética para os 120% femininos, Agnes retratou seu namorado como 120% masculino, ela disse, quando nós começamos a conversar pela primeira vez, e repetiu por oito semanas estressantes após a operação, quando as complicações pós-operatórias haviam diminuído e a vagina recalcitrante estava finalmente se transformando na coisa que os médicos haviam prometido, “não teria se interessado por mim, absolutamente, se eu fosse anormal”. O pênis que foi possuído pela mulher natural era, repetidamente e sob questionamento recorrente, um apêndice acidental usado para o único propósito de passagem de urina. O pênis dos relatos de Agnes nunca havia estado ereto; ela nunca ficou curiosa sobre ele; ele nunca foi examinado por ela ou por outros; nunca entrou em brincadeiras com outras crianças; nunca

se moveu “voluntariamente”, nunca foi uma fonte de sentimentos prazerosos; sempre foi um apêndice acidental colado por uma peça cruel do destino. Quando ele foi amputado e perguntaram a Agnes agora que seu pênis e escroto haviam sido retirados o que ela pensava do pênis e do escroto que haviam sido retirados, sua resposta foi que ela não sentia que era necessário pensar mais neles do que alguém pensaria por ter uma verruga dolorosa removida.

Agnes frequentemente chamava minha atenção para a falta de uma biografia que era apropriada ao fato de que ela era aceita por outros e mais particularmente pelo seu namorado como uma garota. Agnes falou do intervalo de dezessete anos em sua vida e indicou que seu caráter feminino presente era visto pelos outros como uma história contínua como uma mulher, que se estendia desde a hora de seu nascimento. Salientou que apenas desde a época em que fez a mudança tem sido capaz de estabelecer uma biografia feminina de experiências que ela e outros poderiam traçar como um precedente para administrar aparências e circunstâncias presentes. Faltava a ela uma biografia própria para servir como um contexto histórico-prospectivo para administrar situações atuais. Para os outros, e mais particularmente para seu namorado, uma Agnes sempre mulher correspondia às expectativas que ela estimulava nele. Dois anos de memórias acumuladas apresentaram a ela uma fonte crônica para uma série de crises sobre as quais mais será dito posteriormente quando eu discutir suas ocasiões de passagem e os seus recursos de administração.

Outra característica de mulher natural normal, foi encontrava-se na representação e na insistência de Agnes em seu desejo de toda uma vida de ser aquilo que ela sempre soube que era. Dentro das representações, seus desejos vinham essencialmente de fontes misteriosas e desconhecidas, e resistiam a todas as vicissitudes postas por um ambiente ignorante, que ela tentava forçar, embora sem sucesso, uma linha arbitrária de afastamento de um curso normal de desenvolvimento. Agnes enfatizava repetidamente, “eu sempre quis ser uma garota; eu sempre me senti como uma garota; e eu sempre fui uma garota, mas um ambiente errado forçou a outra coisa em mim”. Em muitas ocasiões

de nossas conversas, foi perguntado como ela explicava o desejo que resistia às exigências do ambiente. Suas respostas invariavelmente elaboravam o tema, “não há explicação”.

Dada a adesão de Agnes à distinção feita pelas pessoas normais entre o homem natural normal, e a mulher natural normal, havia menos ambiguidade para Agnes em distinguir entre ela mesma como homem ou mulher do que havia em distinguir entre ela mesma como uma mulher natural e um homem homossexual. A mesma extensão dos exageros de sua biografia feminina, da masculinidade de seu namorado, de seu pênis anestesiado, e coisas semelhantes, forneceram a característica em que ela continuamente insistia: uma identificação consistentemente feminina. Muito do realismo instrumental que ela canalizava para o gerenciamento do seu status sexual escolhido, tinha por objeto administrar, então, suas circunstâncias de modo a evitar o que ela tratava como uma identidade errada e degradante. Confundir as duas coisas era uma questão de erro objetivamente avaliado, ignorância e injustiça por parte dos outros. Suas defesas, que lhe custavam muito em efetividade e orientação da realidade, tinham por objetivo manter sob cuidado as distâncias entre sua feminilidade natural normal, e os homens homossexuais. De tempos em tempos no curso de nossos encontros, quando eu dirigia a conversa para os homossexuais e travestis, Agnes tinha uma grande dificuldade, simultaneamente gerenciando seu fascínio pelo tópico e a grande ansiedade que a conversa parecia gerar. O quadro que ela apresentava, então, era o de uma depressão branda. Suas respostas se tornavam empobrecidas. Ocasionalmente sua voz se interrompia, quando ela negava o conhecimento disso ou daquilo. Havia uma insistência repetida de que ela não era, de maneira alguma, comparável. “Não sou como eles,” insistia continuamente. “No ensino médio eu me desviava claramente dos garotos que agiam como maricas... de qualquer um com um problema anormal... Eu os evitava completamente e chegava ao ponto de insultá-los só para me afastar deles... Eu não queria que me vissem conversando com eles, porque alguém poderia relacioná-los a mim. Eu não queria ser classificada como eles”.

Assim como as pessoas normais frequentemente terão dificuldade de entender

“porque uma pessoa faria isso”, i.e., de se engajar em atividades homossexuais, ou de se vestir como um membro do sexo oposto, Agnes também manifestava a mesma falta de “entendimento” por tal comportamento, embora seus relatos caracteristicamente fossem feitos com indiferença impassível, e nunca com indignação. Quando foi convidada por mim a se comparar com homossexuais e travestis, achou a comparação repulsiva. Embora quisesse saber mais, quando propus que um travesti que estava sendo visto por outro pesquisador estava interessado em conversar com ela, ela se recusou a ter qualquer contato com ele. Ela tampouco considerou conversar com qualquer um dos pacientes que mencionei que estavam sendo vistos e que tinham experiências semelhantes à dela. Quando eu disse a ela que um grupo de cerca de dezessete pessoas em São Francisco, que haviam feito, ou estavam planejando fazer, uma operação de castração, estavam interessadas em se encontrar e trocar experiências com pessoas com problemas semelhantes, Agnes disse que não poderia imaginar o que elas teriam para falar com ela e insistiu que elas não tinham nada a ver com isso.

Como vimos, ela insistia que seus genitais masculinos eram uma peça que o destino lhe pregou, um azar pessoal, um acidente, acima de tudo “estava além do meu controle”, cuja presença nunca aceitou. Tratava seus genitais como um crescimento anormal. Ocasionalmente falava deles como um tumor. Com genitais descartados como sinais essenciais de sua feminilidade, e necessitando de sinais essenciais e naturais de sexualidade feminina, ela relatava, ao invés disso, o desejo de toda a vida de ser uma mulher e os seus seios proeminentes. Seus sentimentos, comportamento, escolhas de companheiros, e assim por diante, autodescritos como femininos, nunca foram retratados como questões de decisão ou escolha, mas foram tratados como tão dados quanto um fato natural. Assim como eles eram mostrados em seus relatos, seu exercício natural teria sido mostrado desde o começo, ela insistia, não fosse por um ambiente mal orientado, frustrante, sem compreensão.

Antes de tudo ela contava seus seios como insígnia essencial. Em várias ocasiões em nossas conversas, ela expressou o alívio e a alegria que sentiu quando notou, aos doze anos, que seus seios

estavam começando a se desenvolver. Ela disse que escondeu essa descoberta de sua mãe e irmãos, porque “não era da conta deles”. Estava claro nas suas observações posteriores que ela queria dizer com isso que temia que eles considerassem o desenvolvimento de seus seios como uma anormalidade médica e por causa da sua idade e incompetência jurídica, eles poderiam decidir, independentemente e contrariamente aos seus desejos e ao que ela sentia, submeter-la tratamento médico e, portanto, arriscaria a perda dos seios. Orgulhava-se particularmente do tamanho dos seus seios, assim como orgulhava-se de suas medidas. Antes da operação, estava temerosa de que “os médicos na U.C.L.A.” decidissem entre eles, e sem consultá-la, e na hora da operação, que o remédio para sua condição consistia em amputar seus seios, ao invés do seu pênis e do escroto. Após a operação, por causa das mudanças endocrinológicas e por outras razões, ela perdeu peso. Seus seios ficaram menores, a medida de seu peito baixou de 38 para 35 polegadas. A angústia que ela mostrou foi suficientemente aparente para ter sido considerada por nós como um dos fatores constituintes de uma depressão pós-operatória curta, mas severa. Quando os Departamentos de Endocrinologia e Urologia terminaram o trabalho médico, mas antes da operação, ela se permitiu um otimismo brando, que manteve sob vigilância pesada e lembrança contínua de que a decisão não estava mais em suas mãos, e lembrando a si mesma, a mim, a Stroller e a Rosen, que em ocasiões anteriores, mais particularmente depois dos exames em sua cidade natal, depois de se permitir um grande otimismo, ela foi deixada com “nada além de encorajamento. Apenas palavras”. Quando pediram para ela se apresentar ao Centro Médico da U.C.L.A. e disseram que a decisão havia sido tomada para amputar o pênis e fazer a vagina artificial, ela falou da decisão com grande alívio. Ela falou da decisão médica como uma vindicação autorizada de suas alegações à sua feminilidade natural. Mesmo as complicações após a operação forneceram episódios de vindicação prazerosa. Por exemplo, após a operação, ela desenvolveu uma incontinência uretral branda, para a qual já havia sido aconselhada pelo médico a usar absorventes. Quando observei bastante feliz que essa era certamente uma nova experiência para ela, ela riu e ficou obviamente feliz e lisonjeada.

Houve muitas ocasiões em que minhas atenções a lisonjearam no que diz respeito a sua feminilidade; por exemplo, segurando seu braço enquanto a guiava até o outro lado da rua; almoçando com ela no Centro Médico; oferecendo para pendurar seu casaco; aliviando-a do peso de sua sacola; segurando a porta do carro para ela, enquanto ela entrava; preocupando-me com seu conforto antes que fechasse a porta do automóvel e tomasse meu próprio assento atrás do volante. Em momentos como esse, seu comportamento lembrava-me que ser mulher para ela era como ter recebido um presente maravilhoso. Era em tais ocasiões que ela mais claramente exibia as características dos “120% mulher”. Em tais momentos, ela agia como uma iniciada recente e entusiasmada da irmandade, a que seu coração sempre desejou pertencer.

#### ADQUIRINDO AS PROPRIEDADES ADSCRITAS DE MULHER NATURAL, NORMAL

A mulher natural, normal era para Agnes um objeto adscrito. Em comum com as pessoas normais, ela tratava sua feminilidade como independente das condições de ocorrência e invariável a vicissitudes de desejos, acordos, escolha aleatória ou voluntária, acidente, considerações de vantagem, recursos disponíveis, e oportunidades. Permanecia para ela a coisa temporalmente idêntica acima de todas as circunstâncias históricas e prospectivas e experiências possíveis. Permanecia a coisa idêntica na essência sob todas as transformações imagináveis de aparências, tempo e circunstâncias reais. Isso resistia a todas as exigências.

A mulher adscrita, natural, normal era o objeto que Agnes buscava adquirir para si mesma.

Dois significados de “aquisição” são significativos ao se falar de Agnes tendo adquirido seu status de mulher. (1) Tornar-se mulher representava para ela uma ascensão de status em relação àquele de homem, que era para ela de menor valor que o status de mulher. Para ela, ser uma mulher a fazia um objeto, de longe, mais desejável aos seus próprios olhos e, como era realisticamente convencida, aos olhos dos outros também. Antes da mudança e depois também, a mudança para mulher, não apenas representou uma elevação de si mesma como uma pessoa

digna, mas era um status, ao qual ela literalmente aspirava. (2) O segundo sentido de aquisição refere-se às tarefas de assegurar e garantir para si mesma os direitos e obrigações adscritas a uma mulher adulta pela aquisição e uso de habilidades e capacidades, pela mostra eficaz de aparências e performances femininas, e pela mobilização de sentimentos e propósitos apropriados. Como no caso da pessoa normal, os testes de tais trabalhos de controle ocorreram sob o olhar e na presença de outros homens e mulheres normais.

Embora as reivindicações da sua feminilidade natural pudessem ser antecipadas, elas não poderiam ser dadas como certas. Muitas questões serviam como lembranças obstinadas de que sua feminilidade, embora reivindicada, poderia ser reivindicada apenas a custo de vigilância e trabalho. Antes da operação, ela era uma mulher com pênis. A operação em si substituiu um conjunto de dificuldades por outro. Assim, depois da operação ela era uma mulher com uma vagina “feita pelo homem”. Em suas palavras ansiosas, “Nada que é feito pelo homem pode, de algum modo, ser tão bom quanto algo que a natureza faz”. Ela e seu namorado concordavam com isso. De fato, seu namorado, que nos relatos dela se orgulhava de ser duramente realista, insistia nisso e ensinava isso para ela, para sua concordância desanimada. Além disso, sua vagina totalmente nova provou ser recalcitrante e delicada. Logo depois da operação desenvolveu-se uma infecção pelo uso do molde. Quando o molde foi removido, aderências foram formadas e o canal não mais recebia um pênis do tamanho do molde. Manipulações manuais para manter o canal aberto tiveram que ser feitas fora da vista de outros e com o cuidado que a natureza desse trabalho privado mantém oculta. Essas manipulações causaram dor. Durante muitas semanas depois da operação ela sofreu desconforto e foi exasperada e humilhada por incontinência fecal e uretral. Isso foi seguido por outra hospitalização. Houve mudanças de humor e sentimentos de que ela havia perdido a perspicácia, a agilidade e a definição de seus pensamentos. Mudanças de humor imprevisíveis produziram brigas severas com seu namorado, que ameaçava deixá-la se ela mostrasse qualquer outro sinal de raiva para com ele. Além disso, havia a lembrança de que, embora ela agora tivesse a vagina, ela tinha com

ela uma biografia masculina. Ela dizia, “há uma grande lacuna em minha vida”. Além disso, havia o fato de que a mudança para uma aparência pública feminina havia sido feita apenas três anos antes. A maioria dos ensaios anteriores havia sido em sua imaginação. Assim, ela ainda estava aprendendo a agir e a sentir como uma mulher. Estava aprendendo esse novo papel apenas com a função de realmente representá-lo. Havia riscos e incertezas envolvidos. O trabalho de assegurar e garantir os direitos de mulher, vindo a merecer tais atribuições através de suas realizações — através de seu sucesso em representar o papel feminino — portanto, a envolvia em circunstâncias, cuja característica relevante era que ela sabia algo vitalmente relevante para os termos aceitos da interação que os outros não sabiam, e que ela era de fato engajada nas tarefas incertas de passagem.

Quais eram algumas questões que depois e/ou antes da operação Agnes era obrigada a esconder?

1. Antes da operação a insígnia contraditória de sua aparência feminina; os genitais masculinos mascarados.
2. Que ela foi criada como um garoto e, portanto, não tinha uma história para corresponder à sua aparência como uma mulher atraente.
3. Que ela fez a mudança apenas três anos antes e ainda estava aprendendo a agir como a coisa, pela qual queria ser tomada.
4. Que ela não era capaz, e não seria capaz, de preencher as coisas esperadas dela pelos homens que estivessem atraídos por ela precisamente, na medida em que era bem sucedida em se colocar acima, como uma mulher sexualmente atraente.
5. Havia uma vagina feita pelo homem.
6. Que ela queria o pênis e o escroto removidos e uma vagina construída em seu lugar. Depois da operação, que ela tinha uma vagina que havia sido construída da pele de um pênis amputado, e os lábios, da pele de um escroto perdido.
7. Havia as questões a mascarar sobre os

serviços sexuais que seu namorado exigia que ela de alguma maneira satisfizesse.

8. Havia o que ela fizera, e com a ajuda de quem, para alterar sua aparência.

9. Havia as atividades de controle ativo de pessoas em torno dela para conseguir a operação, mais particularmente dos médicos e da equipe de pesquisa na U.C.L.A., e, é claro, da equipe médica durante os anos quando ela procurou ajuda médica.

Agnes procurou ser tratada e tratar os outros de acordo com o status sexual legítimo, embora isso fosse acompanhado de um segredo profundo e obscuro, que estava relacionado não com as habilidades e a adequação com a qual ela encenava o status, mas com a legitimidade de sua ocupação. Para Agnes, encenar o novo status vinha acompanhado de sentimentos de que ela sabia de alguma coisa que a outra pessoa não sabia, de cuja revelação ela estava convencida e temia que a arruinaria. A transferência de status de sexo envolvia a suposição de um status legítimo, cuja revelação envolvia grandes riscos, degradação de status, trauma psicológico, e perda de vantagens materiais. Esse tipo de passagem é totalmente comparável à passagem encontrada em submundos políticos, sociedades secretas, refugiados de perseguição política, ou negros que se tornam brancos. No caso de Agnes, a passagem é de especial interesse, porque a mudança de status sexual foi acompanhada do fato de ela cuidar marcada e deliberadamente para que sua nova identidade fosse segura contra algumas contingências conhecidas e muitas desconhecidas. Isso foi feito via gerenciamento ativo e deliberado de sua aparência como um objeto perante outras pessoas. Ela enfatizava a maneira apropriada de se expressar e o gerenciamento de relações pessoais. O trabalho teve que ser feito em situações conhecidas com o conhecimento mais hesitante, tendo incerteza marcada sobre suas regras de prática, com riscos severos e prêmios importantes simultaneamente envolvidos, um não estando disponível sem o outro. Punição, degradação, perda de reputação, e perda de vantagens materiais eram questões em risco, se a mudança fosse detectada. Em quase toda situação de

interação, a relevância do segredo operava como conhecimento de contexto. Sua preocupação em escapar da detecção tinha um valor da mais alta prioridade. Quase toda situação tinha o aspecto, portanto, de um teste de “caráter e aptidão”, real ou potencial. Seria menos acurado dizer que ela passou, do que ela estava continuamente engajada no trabalho de passagem.

## PASSAGEM

*Chamarei de “passagem” de Agnes o trabalho de adquirir e assegurar os direitos de viver como mulher natural, normal, tendo continuamente que prever a possibilidade de detecção e conseqüente ruína, implícita nas condições socialmente estruturadas.* Suas situações de atividade — um número bem grande delas — eram cronicamente de “esforço estruturado”. Podemos pensar nelas como situações socialmente estruturadas de crise potencial e real. Sociologicamente falando, a ênfase é uma “ênfase normal”, no sentido de que a ênfase ocorreu precisamente por causa de suas tentativas ativas de aquiescer com uma ordem legítima de papéis sexuais. Cada um da grande variedade de exemplos estruturalmente diferentes requeria vigilância, engenhosidade, persistência, motivação sustentada, pré-planejamento, que era acompanhado continuamente de improvisação, e continuamente, astúcia, inteligência, conhecimento, e de forma muito importante, de seu desejo de lidar com “boas razões” – i.e., ou fornecer, ou estar pronta para fornecer, justificativas razoáveis (explicações) ou evitar situações, nas quais explicações fossem requeridas.

A passagem não era um assunto que agravada a Agnes. Era necessário para ela. Agnes tinha que ser mulher. Gostando ou não, ela tinha que fazer a passagem. Ela gostava de seu sucesso, e temia e odiava suas falhas. Quando pedi a ela para me contar as “coisas realmente boas” que haviam acontecido, ela falou sobre seu primeiro emprego depois do retorno à sua cidade natal; a diversão em encontros em grupo na sua cidade natal, depois da mudança; viver com sua colega de quarto em Los Angeles; sua habilidade como estenografa; uma sucessão de empregos cada vez melhores; a operação oito semanas depois, quando a nova vagina tinha boa aparência, estava finalmente cicatrizando sem dor, e, para a surpresa dos cirurgiões, estava respondendo a

seus esforços em adquirir cinco polegadas (12,7 cm) de profundidade. “É claro que a melhor coisa que já aconteceu comigo foi Bill”.

Quando perguntei a Agnes se havia quaisquer “coisas realmente ruins” que haviam acontecido com ela, o esforço na tentativa de responder era tão evidente que achei necessário modificar a questão e perguntar, ao invés disso, algumas coisas que foram “coisas ruins, mas não tão ruins”. A isso, ela respondeu, “Ser percebida (nos anos correspondentes ao ensino fundamental e especialmente no ensino médio) e ser notado que eu não tinha quaisquer amigos, ou companheiros, ou algo assim”. (Depois de pausa). “Eu não tinha amigos, porque não reagia de forma normal a qualquer tipo de relacionamento. Eu não podia ter um namorado. Eu não queria um namorado. Por causa do jeito que eu era, eu não podia ter namoradas também, então lá estava eu... Eu não tinha amigos porque não conseguia reagir de forma normal a qualquer tipo de relacionamento”. Perguntei por que ela não poderia ter amigos. “Como eu poderia ter namoradas? Como poderia ter amigos?” Minha pergunta: por que não? “Eu provavelmente sentia que seria impossível. Na escola, eu não ficava de gracinha com as garotas, ou me enturmava, ou fazia qualquer coisa desse tipo, porque, então, eu estaria sendo muito visada”. A partir de outras descrições dela, os momentos particularmente difíceis podem ser brevemente, mas, é claro, não exaustivamente, enumerados, como os seguintes: crescer; os três anos no ensino médio; a vida em casa imediatamente após a mudança, as atitudes da família, vizinhos, e antigos amigos depois que ela retornou de Midwest City; o desapontamento agudo, quando foi dito a ela que nenhuma ação poderia ser tomada depois de seus exames e da laparotomia exploratória na sua cidade natal; controlar as exigências de seu namorado, Bill, de relação sexual; o episódio com Bill, quando ela finalmente revelou para ele que ela tinha um pênis entre suas pernas; controlar suas conversas conosco na U.C.L.A., na esperança de que a decisão fosse favorável e de que a operação fosse feita logo; seu medo de que os médicos decidissem amputar seus seios invés de seu pênis, e que ela estava comprometida com uma operação, a decisão não estando mais dentro de seu controle; após a operação, sua convalescença,

que durou aproximadamente seis semanas, as quais foram marcadas por depressão moderada, rápidas mudanças de humor, as quais era incapaz de controlar, ou justificar para si mesma e para o seu namorado, e uma sucessão de brigas severas com o namorado; uma vagina recalcitrante, que não cicatrizava apropriadamente e tinha apenas a fração da profundidade que ela esperava; uma infecção severa na bexiga, que exigiu outra hospitalização; a redução do tamanho de seus seios de 38 para 35 polegadas (96,5 para 89 cm) e o medo constante de que o pênis era, afinal, necessário para manter sua aparência feminina; a mudança no relacionamento com Bill nos três meses seguintes à operação; e finalmente, antecipadamente, Los Angeles, se seus planos de casamento não se materializarem.

As “situações realmente e boas” foram aquelas nas quais o trabalho de passagem permitiu-lhe os sentimentos, e permitiu-lhe tratar os outros e ser tratada pelos outros, como uma “garota normal e natural”. As “coisas realmente ruins” foram as situações, nas quais o trabalho de controle, por várias razões, fracassou ou pressagiava fracassar. Apenas retrospectivamente elas adquiriram os aspectos dramáticos de sucessos ou fracassos. Para nossos interesses, os casos críticos foram aqueles que tiveram de ser tratados durante seu curso. Que tipos de situações foram essas? Como ela conseguiu, durante seu curso, chegar a entender-se com elas? Em muitas dessas situações e de alguma forma, apesar do caráter socialmente estruturado das crises, ela conseguiu alguma aproximação do controle rotineiro e da “vida habitual”.

Um caso ilustrativo pode ser usado para introduzir nossa discussão dessas questões.

Antes de comparecer a um exame físico para um trabalho que depois obteve com uma grande companhia de seguros, e porque ela tivera exames físicos similares anteriormente, Agnes decidiu que devia autorizar o exame do médico a prosseguir até o seu abdômen inferior. Se o médico então prosseguisse, ou desse qualquer indicação de examinar a área genital, ela decidira alegar recato e, se isso não fosse suficiente para impedir o médico, ela simplesmente sairia, talvez fingindo recato, ou, se necessário, não dando desculpa alguma. Seria muito preferível desistir do emprego a arriscar ser revelada, com uma

condição sendo dependente, é claro, da outra.

Em caso após caso, a situação a ser controlada pode ser descrita em geral como uma, na qual a realização de metas corriqueiras e satisfações consequentes envolveram consigo um risco de exposição. Ela empregou uma estratégia, pela qual estava preparada para sair, se a exposição parecesse provável, apesar do custo de sacrificar essas vantagens. Sua situação característica na passagem foi uma, na qual tinha de estar preparada para escolher, e frequentemente escolhia, entre proteger a identidade feminina e atingir metas ordinárias. Sua situação crônica foi aquela, na qual ambas as condições tinham de ser simultaneamente satisfeitas por seu gerenciamento deliberadamente ativo. A coisa que ela sabia que os outros não sabiam era que as duas condições —conseguir obter oportunidades para satisfação institucionalizada e corriqueira, minimizando o risco de revelação — foram classificadas em uma prioridade fixa: a segurança devia ser protegida primeiro. As satisfações comuns deviam ser obtidas apenas se as condições prévias da identidade protegida pudessem ser satisfeitas. Riscos nessa direção requeriam o sacrifício das outras satisfações.

Uma variedade de situações nos fornece variações sobre esse tema essencial.

## OCASIÕES DE PASSAGEM

Para ajudar a reunir meus pensamentos sobre as várias ocasiões pelas quais Agnes teve de passar, tentei pensar nessas situações como um jogo. Quando o fiz, apenas uma quantidade comparativamente pequena do material que foi coletado de Agnes pode ser tratada sem encontrar severas incongruências estruturais. Além disso, os materiais que podem ser concebidos sob os auspícios de um jogo, enquanto facilitavam comparações entre as ocasiões de passagem, também não parecem ser particulares às experiências de Agnes na passagem sexual. Os materiais que são particulares à passagem sexual são difíceis de explicar com a noção de um jogo por causa das incongruências estruturais que são geradas, ao se aplicar o modelo.

As seguintes propriedades formais de jogos facilitam a análise de um conjunto desses materiais, mas interferem na do outro conjunto.

(1) Há a estrutura peculiar de tempo dos

jogos e eventos nos jogos. Para os jogadores, em qualquer momento do jogo, está potencialmente disponível para cada um o conhecimento de que, a um dado momento, o jogo terá chegado ao fim. (2) Se as coisas derem errado, é possível para o jogador “sair” do jogo ou mudar para outro jogo, e assim por diante. (3) Estar “no jogo” envolve, por definição, a suspensão de pressuposições e procedimentos da vida “séria”. Muitos comentaristas de jogos tomaram conhecimento desse aspecto ao falarem do jogo como um “mundo artificial em microcosmo”. (4) As biografias mútuas que são estabelecidas para jogadores como uma função de sua jogada conjunta real fornecem precedentes que são particulares às interações desse jogo. (5) Uma jogada completada de um jogo consiste em um episódio encapsulado. As regras e o curso real completado da jogada fornecem ao episódio seu caráter total como uma trama de relevâncias. (6) Caracteristicamente, o sucesso e o fracasso podem ser claramente decididos, e um ou outro resultado é ordinariamente muito pouco sujeito à reinterpretação. Jogadores não precisam esperar desenvolvimentos fora da partida do jogo para permitir decisões quanto ao que o episódio significava. (7) Na medida em que os jogadores estão comprometidos a se submeterem às regras básicas que definem o jogo, as regras básicas fornecem para os jogadores as definições de consistência, efetividade, i.e., de ação racional e realista nessa situação. De fato, ações em aquiescência com essas regras básicas definem, em jogos, “jogo limpo” e “justiça”. (8) Embora estratégias possam ser altamente improvisadas e embora as condições de sucesso e fracasso possam, durante o curso da partida, ser incertas para os jogadores, as regras básicas do jogo são conhecidas e são independentes dos inconstantes estados presentes do jogo e da seleção de estratégias. As regras básicas estão disponíveis para o uso pelos jogadores e são presumidas pelos jogadores como estando disponíveis como conhecimento requerido que os jogadores têm antes das ocasiões, nas quais essas regras podem vir a ser consultadas para decidir entre alternativas legais. (9) Dentro das regras básicas, procedimentos de eficácia instrumental estrita são, em princípio, adotáveis por qualquer jogador, e cada jogador pode assumir isso para si

mesmo, ou para o seu oponente, ou insistir nesses procedimentos para si mesmo e seu oponente sem empobrecer sua compreensão do jogo.

O jogo esclarece várias das ocasiões de passagens de Agnes como uma trama de possibilidades ambientais relevantes e sua estrutura operacional. O jogo se aplica, por exemplo, a seu controle sobre o traje de praia. A situação problemática foi a de simultaneamente acompanhar amigos, homens e mulheres, à praia local de Santa Mônica, sem arriscar sua revelação. Dispositivos instrumentais forneceram soluções adequadas ao problema. Agnes usou roupas íntimas apertadas e trajes de banho com uma saia. Nas suas palavras: “não sei por que, é um milagre, mas não aparece nada”. Ela se juntava à multidão, correspondendo ao entusiasmo para se banhar, se ou até ficar claro que um banheiro ou o quarto de uma casa particular estaria disponível, no qual pudesse trocar seu traje de banho. Banheiros públicos e automóveis deviam ser evitados. Se as instalações necessárias não estivessem disponíveis, desculpas seriam fáceis de se dar. Como ela apontou, é permitido não “estar no clima” para se banhar, apesar de se gostar muito de ficar na praia.

Do mesmo modo, Agnes falou sobre seu desejo de ter um emprego que fosse comparativamente próximo e preferencialmente a uma distância que lhe permitisse ir a pé de sua residência, e, em todo caso, um que permitisse o uso de transporte público. Apesar de Agnes dirigir automóveis, ela não tinha um. Ela temia um acidente, que poderia levá-la a ficar inconsciente, e então colocá-la em risco de exposição.

Outro exemplo. Depois de chegar a Los Angeles, ela dividiu um quarto com uma amiga. A situação foi conduzida através de um trato com sua amiga de uma respeitar a privacidade da outra e evitarem uma a nudez uma na presença da outra. Em uma ocasião, um problema surgiu para Agnes. Enquanto tirava seu vestido, ela expôs a cicatriz de uma laparotomia exploratória. Uma pergunta amigável da colega de quarto foi recebida com a explicação de que se tratava de uma operação de apendicite. Agnes contou para mim que ocorreu a ela, ao dizer isso para a sua colega de quarto, que poderia permanecer a pergunta, para a sua colega de quarto, sobre por que uma operação de apendicite deveria deixar

uma cicatriz tão grande e feia. Ela ofereceu, portanto, a explicação não-solicitada de que “houvera complicações”, e contou com o fato de que a colega de quarto não tinha conhecimento médico suficiente para saber a diferença.

Um jogo mais complicado, mas, ainda assim, um no qual os recursos do jogo foram empregados, ocorreu na ocasião em que o amigo de seu irmão visitou sua casa depois de o irmão ter se casado. Agnes, seu irmão, sua cunhada e sua prima, Alice, por quem Agnes tinha intensos sentimentos de rivalidade, estavam na sala de estar quando o amigo do irmão entrou. Depois, o irmão saiu do aposento com o amigo para levá-lo até o carro. Quando o irmão voltou à sala, disse que o amigo perguntou a ele: “quem é aquela garota bonita?”. Agnes disse que sua prima, Alice, presumiu que o amigo falava sobre ela. Quando o irmão disse ironicamente que fora Agnes a pessoa citada, Alice ficou furiosa. Agnes, aqui, dependia da disciplina familiar para protegê-la contra a humilhação. Mas essa mesma disciplina familiar, apesar de permitir vitória, azedava a vitória também. Agnes descreveu um incidente estruturalmente similar quando estava fazendo compras com seu irmão, e foi tomada pela atendente como esposa dele. Agnes sentiu-se lisonjeada e deleitada. Seu irmão não gostou disso, de forma alguma. Ela podia confiar no fato de que seu irmão respeitaria o segredo de família, mas também podia confiar nele para lembrá-la depois o quanto ele desaprovava a mudança.

Namorar, tanto em sua cidade natal quanto em Los Angeles, antes de começar a sair com Bill, fornece outras ocasiões que exibiam as propriedades de jogo de caráter episódico, pré-planejamento, e uma confiança no conhecimento instrumental de regras que ela poderia assumir serem conhecidas e ligadas às várias partes de uma forma mais ou menos similar. Apesar de um interesse em encontros com os meninos, ela recusava-os. Apresentações prévias eram a ordem do dia, mais particularmente, porque elas permitiam-lhe adiar o encontro até que ela e suas amigas tivessem consultado umas às outras sobre a verificação do caráter do novo pretendente. Amassos foram tratados de acordo com a regra: sem amassos no primeiro encontro; talvez no segundo. Como Agnes disse, “Se você beija um menino no primeiro encontro e diz não no

segundo, então você tem problemas.” Um pouco de carícias era permitido, mas, sob circunstância alguma, abaixo da cintura. Ela se encantava com o pensamento de que algum menino era um “lobo”, mas não sairia com um lobo. De qualquer forma, havia segurança em números, de modo que múltiplos encontros e festas em casas e na igreja eram preferíveis. Agnes não bebia. Dizia nunca ter ficado bêbada e que nunca permitiria a si mesma ficar bêbada.

Um dos episódios estruturados como um jogo trabalhados de forma mais complexa ocorreu, quando Agnes teve de fornecer amostra de urina, quando foi examinada como parte de um exame físico para um emprego com uma companhia de seguros. No dia em que se candidatou para o emprego, e no momento da entrevista pessoal, um exame físico foi agendado para o mesmo dia. Ela tinha pouco tempo para se preparar. Para controlar os riscos envolvidos em ter de expor seu corpo, achou necessário improvisar. Foi requisitada a fornecer uma amostra de urina, e o médico pediu-lhe que usasse o urinol em seu escritório. Ela esperava um toailete com uma porta. A ameaça residia no fato de que a enfermeira, que tinha liberdade para entrar no escritório, entrasse enquanto Agnes estivesse manipulando seus genitais. Agnes inventou a desculpa para o médico, depois de sentar-se no urinol, quando deliberadamente não fez nada, de que não conseguiu urinar, mas que ficaria feliz em entregar a amostra mais tarde, naquele dia. Quando ele concordou, ela voltou ao seu apartamento, onde morava com uma garota. Então ocorreu a ela que talvez fosse possível determinar o sexo de uma pessoa por seu exame de urina. Sem saber se isso era ou não verdade, e sem saber quão completa a análise de urina seria, mas sentindo-se indisposta a correr qualquer risco em ambas as possibilidades, disse à sua colega de quarto que tivera uma pequena infecção de rim e que tinha medo de que, se a infecção aparecesse na urina, seria recusada para o trabalho. A amiga fez o favor de fornecer a ela uma garrafa de urina, a qual Agnes apresentou como sendo sua.

Em outra ocasião, ela acabara de conseguir um emprego como secretária jurídica como a única moça no escritório para uma pequena firma de dois advogados que haviam acabado de começar sua prática. Agnes estava encantada com

o emprego, mais particularmente porque não tinha qualificações para tal no momento em que foi contratada. Seus empregadores, sem condições de arcar com mais despesas, estavam dispostos a ter uma funcionária menos qualificada para minimizar os custos. Esse acordo não poderia ter sido melhor para Agnes, já que ela tinha, tanto a oportunidade de um trabalho mais interessante, quanto uma chance de melhorar suas habilidades estenográficas. Vários meses depois de o trabalho começar, a operação de castração foi agendada na U.C.L.A. Era necessário então arrumar uma licença do emprego para fazer a operação, mas também arranjar uma licença, que garantisse que seus empregadores contratariam apenas um substituto temporário. Era sua meta secundária que lhe fosse dada uma carta de recomendação por eles no caso de ela não ter condições de retornar a tempo, e que a carta dissesse que ela trabalhara lá por seis meses, ao invés dos dois meses reais, a fim de que não lhe fosse requerido posteriormente explicar sua ausência para outro empregador, visto que ela já tinha um histórico de trabalho com vários intervalos curtos, e, obviamente, para que continuasse trabalhando como secretária jurídica. Isso foi arranjado através de cirurgiões urologistas da U.C.L.A., que ligaram para seus empregadores e disseram a eles, em trato com Agnes, que ela seria temporariamente hospitalizada devido a uma grave infecção de bexiga.

Uma das ocasiões de passagem mais dramáticas, semelhantes a um jogo, consistiu em uma série de eventos que culminaram na viagem a Midwest City, sua mudança de aparência, e seu retorno pra casa. Agnes fez a viagem em agosto de 1956. Durante vários meses antecedentes à viagem, preparou-se para a mudança. Disse que, em cerca de dois meses, perdeu vinte e cinco libras (11,34 kg). Isso produziu a silhueta atraente com a qual depois apareceu na U.C.L.A. A dieta foi autoimposta. Ninguém da família, disse Agnes, tinha qualquer conhecimento de seu plano e do lugar que a silhueta feminina atraente em desenvolvimento tinha em seus planos. Ela lidou com as perguntas de vários membros da família protestando: “todo tipo de pessoa entra em dieta, não entra?”. Gastou um tempo considerável em seu quarto ensaiando as ações que pareceriam apropriadas para sua nova aparência. Sua família entendeu que a viagem a Midwest City consistiria

em um mês de férias, o qual ela iria passar com sua avó. Agnes tinha muitos parentes em Midwest City, que não a viam há anos. Ela planejou contato mínimo com eles durante sua estadia, ficando na casa de sua avó. Embora tivesse parentes em várias outras cidades, Midwest City foi escolhida por ser uma cidade grande. De acordo com o plano, no fim de agosto, ela deixou a casa da avó de manhã cedo, sem deixar recado ou qualquer outra indicação dos motivos para sair, ou de seu paradeiro. Em um quarto de um hotel no centro, colocou roupas femininas e foi a um salão de beleza local, onde seu cabelo, que era curto, foi aparado e rearranjado no corte italiano popularizado por Sofia Loren. Planejava permanecer em Midwest City e obter um trabalho lá, tendo escolhido a cidade, disse ela, porque era um lugar grande o suficiente para fornecer oportunidades de emprego e o anonimato necessário, mas também porque era grande o bastante para permitir-lhe evitar seus parentes. Se eles se encontrassem, ela pensou, os parentes não a reconheceriam, porque ela já não os via havia muitos anos. Além disso, se ela se encontrasse com eles e eles perguntassem, ela negaria quem era. Ela contava com um fato: “a maioria das pessoas não insistiria, de qualquer modo, que a conheçam”. Como ela acabou descobrindo, “eu não planejava com cuidado o suficiente”. Confrontada com a necessidade de ter de ganhar a vida por si só, sem ter experiência alguma de trabalho prévio para falar, sem saber como proceder para encontrar o emprego de que precisava, tendo apenas habilidades básicas como datilógrafa, e ainda, sentindo-se incerta quanto a suas habilidades como uma mulher, ficou apavorada com as chances de fracasso. Quando perguntei por que ela não voltava para sua avó, ela respondeu: “como eu poderia? Ela nem saberia quem eu era. Ela tinha setenta e dois anos. Como eu poderia dizer a ela algo desse tipo?”. Finalmente, ela tinha muito pouco dinheiro; como ela disse, “apenas o suficiente para voltar pra casa”. Na tarde do dia em que fez a mudança, telefonou para a mãe, dizendo a ela o que havia feito, e, de acordo com o relato de Agnes, sob os pedidos da mãe, voltou para casa de ônibus em seus novos trajes femininos, naquela mesma noite. A viagem se tornou agradável, disse ela, devido aos galanteios de diversos soldados.

## OCASIÕES DE PASSAGEM QUE O MODELO DE JOGO NÃO ANALISA APROPRIADAMENTE

Há muitas ocasiões que falham em satisfazer várias propriedades de um jogo. Quando o jogo é usado para analisá-las, a análise contém incongruências estruturais.

Uma ocasião desse tipo ocorria muito frequentemente: Agnes, agindo como um “aprendiz secreto”, aprendia, como ela disse, “a agir como uma garota”. Sua abordagem foi mais ou menos assim: Agnes e seus parceiros de interação seriam direcionados a uma meta mutuamente compreendida e valiosa, enquanto, ao mesmo tempo, uma outra meta de valor equivalente, para a qual a outra pessoa contribuía, permanecia conhecida apenas por Agnes, e cuidadosamente escondida. Em contraste com o caráter episódico das ocasiões que foram descritas anteriormente, tal ocasião era caracterizada por sua natureza continuada e em desenvolvimento e. Além disso, suas “regras” são aprendidas apenas durante o curso da própria interação, como uma função da participação real, e pela aceitação dos riscos envolvidos.

Várias pessoas eram importantes em seus relatos, com quem ela não apenas agia como uma garota, mas aprendia, com elas, como agir como uma garota. Uma importante instrutora-parceira foi a mãe de Bill, em cuja casa passou grande parte de tempo como uma futura possível nora. A mãe de Bill tinha ascendência indonésia e holandesa, e trabalhava como costureira. Enquanto ensinava Agnes a cozinhar pratos holandeses para agradar a Bill, ela também ensinava Agnes a, antes de qualquer coisa, cozinhar. Agnes disse que a mãe de Bill ensinou-lhe sobre costura e tecidos; ensinou-lhe quais roupas devia vestir; discutiam lojas de roupas, compras, estilos que eram apropriados para Agnes, e as práticas do lar.

Agnes falou das “longas repreensões” que recebia de Bill sobre ocasiões nas quais ela havia feito algo que ele desaprovava. Uma tarde, ele voltou do trabalho por volta das cinco horas e encontrou-a tomando sol no gramado em frente ao apartamento dela. Ela aprendeu bastante com os seus argumentos detalhados e raivosos sobre os modos como essa “exibição na frente de todos esses homens voltando pra casa do trabalho” era ofensiva para ele, mas atraente para outros

homens.

Em outra ocasião, recebeu uma lição de Bill sobre como uma garota devia se portar em um piquenique. Ele fez isso analisando com raiva os defeitos da namorada de um colega, que insistira, em sua explicação raivosa: em querer as coisas ao seu próprio modo; em oferecer suas opiniões, quando ela deveria estar se omitindo; em ser áspera em seu comportamento quando devia estar sendo meiga; em reclamar, ao invés de aceitar as coisas como elas eram; em demonstrar sua sofisticação ao invés de ser inocente; em agir de forma indecente, ao invés de abjurar quaisquer reivindicações de igualdade com homens; em exigir ser servida, ao invés de procurar dar ao homem com quem estava prazer e conforto. Agnes citou Bill com aprovação: “não pense que os outros tomarão seu partido, quando você agir assim. Eles sentem pena pelo cara que tem de ficar com ela. Eles ficam pensando, onde foi que ele arrumou essa garota!”

Com suas colegas de quarto e círculos mais amplos de amigas, Agnes fazia fofocas, análises de homens, festas e comentários após encontros. Não apenas ela adotou a pose de aceitação passiva de instruções, mas aprendeu também o valor da aceitação passiva como um traço de personalidade feminina desejável. A rivalidade com sua prima, por toda a sua perniciosidade, forneceu-lhe instruções ao forçar uma reflexão sobre as coisas que estavam erradas com sua prima, reivindicando para si mesma qualidades que contrastavam com aquelas que encontrou para criticar na prima.

Nessas ocasiões, Agnes era requerida a cumprir os padrões de conduta, aparência, habilidades, sentimentos, motivações e aspirações, enquanto simultaneamente aprendia quais eram esses padrões. Para ela, aprendê-los era um projeto contínuo de autoaperfeiçoamento. Eles tinham de ser aprendidos em situações nas quais ela era tratada pelos outros como se os soubesse em primeiro lugar, como era de se esperar. Eles tinham de ser aprendidos em situações, nas quais ela não podia indicar que os estava aprendendo. Eles tinham de ser aprendidos através da participação em situações nas quais se esperava que ela soubesse as próprias coisas que lhe estavam sendo simultaneamente ensinadas.

Uma ocasião que era muito parecida com

essa do aprendizado secreto era aquela na qual ela permitia que o ambiente lhe fornecesse as respostas às questões que ele mesmo criava. Vim a pensar nisso como uma prática de “seguimento antecipatório”. Isso ocorreu, sinto dizer, com desconcertante frequência em minhas conversas com ela. Quando li as transcrições, e escutei de novo as entrevistas gravadas, enquanto preparava este artigo, fiquei horrorizado com o número de ocasiões, nas quais eu não conseguia decidir se Agnes estava respondendo às minhas perguntas, ou se aprendia a partir das minhas perguntas, e, mais importante, se a partir de pistas mais sutis, tanto anteriores quanto posteriores às minhas perguntas, quais respostas serviriam. Um outro exemplo: na ocasião do exame físico para o emprego em uma companhia de seguros, o médico examinador apalpou seu abdômen. Agnes estava incerta quanto ao que ele “procurava sentir”. “Talvez ele estivesse procurando sentir meus ‘órgãos femininos’” (claro que ela não tinha algum), “ou algo duro”. Para todas as perguntas sobre dor ou desconfortos, ela respondeu que não havia coisa alguma. “Quando ele não dizia nada, eu deduzia que não encontrara nada incomum.”

Outro conjunto comum de ocasiões surgia, quando ela se engajava em conversas amigáveis sem ter informações biográficas, ou de afiliações de grupo, para trocar com seu interlocutor. Como Agnes disse, “você pode imaginar todos os anos em branco que tenho que preencher? Dezesseis ou dezessete anos da minha vida que tenho de inventar. Tenho de ser cuidadosa com as coisas que digo, apenas coisas naturais que podem escapar... Eu nunca digo coisa alguma sobre meu passado que de alguma forma faça uma pessoa perguntar como foi meu passado. Digo coisas gerais. Não digo algo que possa ser mal interpretado”. Agnes disse que com homens conseguia passar por uma participante interessante de uma conversa, encorajando seus interlocutores masculinos a falarem sobre eles mesmos. Interlocutores femininos, ela disse, interpretavam o caráter geral e indefinido de suas informações biográficas, sobre as quais falava de forma amistosa, como de uma combinação de sua afabilidade e recato. “Elas provavelmente deduziam que eu apenas não gosto de falar sobre mim mesma”.

Houve muitas ocasiões, cuja estrutura era de forma tal que não continha critério algum pelo

qual se poderia dizer que uma meta tivesse sido alcançada, um aspecto intrínseco às atividades do jogo. Ao invés disso, o sucesso em controlar a interação presente consistia em ter estabelecido, ou sustentado, uma personalidade de valor e atraente, em agir em uma situação presente que fosse consistente com as situações precedentes e prospectivas que a personalidade apresentada formulava, e para os quais as aparências presentes eram evidências documentárias. Por exemplo, Agnes disse que logo estava claro para ela, depois de começar a trabalhar para a companhia de seguros, que ela teria de se demitir do emprego. As tarefas eram tediosas e não exigiam habilidades específicas, e havia pouca chance de progresso. As poucas inovações que fez para tornar o trabalho mais interessante lhe trouxeram apenas alívio temporário. Ela desejava muito melhorar suas habilidades e estabelecer um histórico trabalhista mais expressivo. Por essas razões, quis sair daquele emprego para um melhor, mas teria tido de desistir disso perante a oposição de Bill. Estava convencida de que ele não daria crédito para qualquer uma dessas razões, e que, ao invés disso, usaria as razões que ela desse como evidências das deficiências da sua atitude em relação a trabalho. Ele advertira a ela de que, para ele, demitir-se por tais razões não era aceitável e que, se ela se demitisse, tal ato iria apenas refletir novamente sua imaturidade e irresponsabilidade. Quando Agnes, apesar disso, se demitiu, ela se justificou, dizendo que tal ato estava completamente fora de suas mãos. Fora demitida devido a um corte de pessoal. Isso não era verdade.

Um outro conjunto de ocasiões de passagem são particularmente resistentes a análises como um jogo. Essas ocasiões têm características de serem contínuas e em desenvolvimento; de terem um significado de aparências presentes em retrospectiva-prospectiva; de cada estado presente da ação ser idêntico em significado à situação-como-foi-desenvolvida-até-então; nas quais metas corriqueiras não podiam ser abandonadas, adiadas ou redefinidas; nas quais o compromisso de Agnes de aquiescência com a mulher natural e normal estava sob ameaça crônica, ou em contradição aberta; e nas quais as soluções estavam, não apenas fora de seu alcance, mas também além do controle daqueles com quem tinha de lidar. Todas essas situações,

tanto através de seus relatos, quanto de nossas observações, eram estressantes ao extremo.

Uma dessas “ocasiões” assim consistiu nas tarefas contínuas, às quais Agnes se referiu como “permanecer discreta”. Agnes disse que isso era um grande problema no ensino médio. Ela insistia, “para deixar claro”, que isso não era mais a preocupação dela, e que havia sido substituído por um medo de ser exposta. O fato, contudo, é que isso permaneceu como uma questão muito preocupante. Minha impressão é a de que Agnes disse isso devido à forma como o problema havia sido trazido à tona em nossa conversa. Eu o introduzira para ela, ao relatar a ela os comentários de E.P., um paciente do sexo masculino, sobre sua preocupação em permanecer discreto. Descrevi E.P. para ela como uma pessoa que era muito mais velha que ela, havia sido criada como mulher, e, aos 18 anos, se submetera a uma operação de castração, a qual removeu um pênis vestigial. Disse a ela que E.P. continuara a se vestir como uma mulher, mas queria ser tratado como um homem; e que a mudança para E.P. ocorrera apenas alguns anos antes. Descrevi a aparência de E.P. e illustrei sua preocupação em permanecer discreta com a explicação de E.P. de que “esse tipo de coisa vexatória sempre acontece comigo”, i.e., ser abordada em um bar por um homem que diz: “com licença, eu e meu amigo ali fizemos uma aposta. Você é homem ou mulher?”. Agnes imediatamente detectou a “anormalidade” de E.P. e negou veementemente que ela e E.P. seriam, de alguma forma, comparáveis. Nesse contexto, ela disse que não reconhecia que o problema de permanecer discreta ainda fosse um problema para ela.

Agnes descreveu o problema de permanecer discreta no ensino médio através de relatos sobre a forma como evitava ser conspícua: nunca comendo no refeitório do colégio; não ingressando em clube algum; restringindo seus movimentos físicos; geralmente evitando conversas; evitando, a qualquer custo, “aqueles garotos que tinham algo de afeminado”; vestindo uma camisa folgada um pouco maior que seu número, e sentando-se com os braços dobrados à sua frente, curvando-se para a frente sobre a carteira de forma que seus seios não aparecessem; evitando escolhas de companhia, tanto feminina quanto masculina; sentando-se no canto mais

distante da sala em todas as aulas, sem participar de discussões, pois assim, como Agnes disse, “dias inteiros se passariam e eu não diria uma só palavra”; e seguindo uma rotina rígida de tempo e movimentos nos arredores do colégio, pois, assim, conforme seus relatos, sempre entrava pelo mesmo portão no pátio e pela mesma porta para a sala de aula, seguindo o mesmo caminho para seu lugar, chegando na mesma hora, saindo pela mesma saída, seguindo o mesmo trajeto para casa, e assim por diante. Essa explicação aparecera em resposta à minha pergunta: “houve alguma situação ruim em particular?”, a qual ela respondeu: “eu não sei de alguma situação ruim em particular, mas apenas que essas coisas que eram tão óbvias que você não podia esconder... minha aparência geral... era bem óbvio que não era masculina, muito masculina”. Apesar de tudo isso, Agnes tentou chegar a um ponto de equilíbrio em suas roupas. Disse que se vestia “basicamente da mesma forma”, tanto nos anos referentes ao ensino fundamental, quanto no ensino médio. Seu vestuário típico consistia em calças de veludo cotelê branco e uma camisa aberta no pescoço, a qual ajeitava de forma a ficar parecida com uma blusa folgada. A blusa folgada como um dispositivo de gerenciamento foi ensinada a ela por seu irmão. Mesmo com os seios em desenvolvimento, ela preferia vestir sua blusa enfiada para dentro das calças de maneira bem justa. Mudou apenas devido à desaprovação de seu irmão, que era poucos anos mais velho que ela e ia à mesma escola, e que se sentia constrangido pela aparência dela, por causa de seus traços femininos, e a repreendia por vestir-se como uma garota. Seu irmão insistia para ela afrouxar a blusa. Também era seu irmão quem reclamava do fato de ela carregar os livros como uma garota, e quem demonstrou para ela como carregá-los como um menino, insistindo para que ela assim o fizesse.

Um outro exemplo de uma “ocasião de desenvolvimento contínuo” consistiu em ela ter de lidar com opiniões de amigos, vizinhos e familiares após retornar de Midwest City. Esses foram círculos que Agnes alegou “saberem tudo sobre a Agnes de antes”. Na primeira parte de suas observações, quando esse tópico surgiu, ela havia afirmado severamente que o problema de permanecer discreta não era um problema “nem

mesmo quando voltei de Midwest City para casa”. Poucos momentos depois, nessa mesma conversa, quando questionei-a melhor sobre o quê sua mãe, seu irmão e irmãs, amigos antigos, amigos de sua mãe, e vizinhos, tinham a dizer, e como a trataram após seu retorno, Agnes respondeu “essa era uma situação tão diferente que ninguém na cidade sabia como lidar com isso”. Então, após dizer: “todo mundo me tratava bem; melhor do que haviam me tratado antes, e me aceitaram. Eles só queriam saber o que se passou”, ela mudou sua história. Do momento de seu retorno de Midwest City até a partida para Los Angeles, a vida foi descrita por ela como “terrível”. Excetuou suas experiências de trabalho em seu primeiro emprego em sua cidade natal. Em uma entrevista posterior, disse que nunca retornaria à sua cidade natal. Após a operação de castração ter sido realizada na U.C.L.A, falou do quanto desejava deixar Los Angeles, porque sentia que muita coisa sobre ela era conhecida, e muitas pessoas sabiam sobre ela, “todos esses doutores, enfermeiras, internos, e todo o mundo”.

Uma parte dessa situação era a rivalidade entre ela e sua prima Alice e a combinação de rivalidade e desaprovação mútua que existia entre Agnes e sua cunhada. Após seu retorno de Midwest City, havia uma desaprovação aberta e expressões premeditadas de raiva de sua cunhada, sua tia, e, mais particularmente, seu irmão, que continuamente queria saber “quando ela iria parar com essa coisa”. Agnes disse que essas memórias eram dolorosas e que odiava lembrar-se delas. Obter seus comentários sobre elas requereu considerável esforço com resultados questionáveis, devido à proeminência de suas recusas e idealizações. Ela repetia: “eles me aceitaram”, ou negava que pudesse ser esperado dela saber o quê os outros estavam pensando.

Outra “ocasião” disse respeito ao gerenciamento mal-sucedido, por todas as partes envolvidas, da ferida na de Agnes por ocasião de um trato feito após ela ter largado o ensino médio de continuar sua educação com um tutor, que era fornecido pelas escolas públicas. Agnes não retornou ao colégio em setembro de 1957, naquele que seria o seu último ano. Ao invés disso, de acordo com os relatos de Agnes, sua mãe providenciou com o vice-diretor do colégio os serviços de um professor oferecido pelo sistema

de escola pública, que ia todos os dias à sua casa. Agnes era muito evasiva em dizer o que ela e sua mãe haviam conversado a respeito disso, e que tipo de acordo as duas poderiam ter feito, ou não, sobre sua educação escolar e seu tutor. Agnes declarou não ter informação sobre esse acordo e alegou não saber o que sua mãe pensou sobre o acordo, ou o que sua mãe discutira especificamente com o vice-diretor. Agnes alegou depois ser incapaz de se lembrar quanto tempo cada uma das sessões tutoriais durou, ou por quanto tempo as visitas domiciliares continuaram. A imprecisão e aparente amnésia nos levaram a acreditar que essas eram memórias, as quais Agnes dissera odiar “lembrar”. Agnes chegou a descrever, embora brevemente, o período durante o qual teve lições como um período de grande descontentamento e conflito crônico com sua mãe. Desde as minhas primeiras perguntas sobre esse descontentamento, Agnes insistiu que, apesar de ter tido muito tempo a disposição, e que ela retrospectivamente viu que poderia ter tirado mais proveito disso, “sentia-me como uma reclusa... Eu queria sair e conhecer pessoas e me divertir. Antes de ir para Midwest City, eu mal podia suportar sair de casa. Depois de voltar, eu queria começar a sair e ter uma vida social e pública, e lá estava eu, enfurnada em casa sem ter nada para fazer”. Junto disso, Agnes forneceu o breve comentário de que o professor especial também ensinava a outros alunos que, como Agnes os descreveu, eram “de alguma forma, anormais”. Dada a recusa geral de Agnes em considerar sua condição como aquela de uma pessoa anormal, era meu sentimento que ela talvez recusasse fazer outros comentários devido a uma recusa geral em reconhecer de alguma forma que ela fosse “anormal”, bem como à sua insistência em que, exceto por uma interpretação errônea e um ambiente hostil, ela teria sido capaz de agir e sentir-se “naturalmente e normalmente”.

Uma das mais dramáticas “ocasiões não-analisáveis como um jogo” começou com a operação de castração e durou aproximadamente seis semanas. Começando com a convalescença no hospital imediatamente posterior à operação, Agnes tentou sustentar a privacidade nos cuidados pós-operatórios com sua vagina, fazendo ela mesma o banho de assento e trocando ela mesma os curativos da ferida. Insistiu em fazer isso fora

da vista das enfermeiras e internos, dos quais se ressentia. Por seus relatos, aparentemente, as enfermeiras também se ressentiam dela. A vagina não se curou apropriadamente. Uma infecção se desenvolveu logo após a operação. Um grande molde de plástico do tamanho de um pênis teve de ser removido para facilitar o processo de cura com o resultado de que adesões se desenvolveram e o canal fechou-se sobre toda a sua extensão, incluindo a abertura. A profundidade pretendida foi perdida, e tentativas de recuperá-la por manipulação manual foram feitas, tanto pelo cirurgião encarregado, quanto, sob seus conselhos, por Agnes. As tentativas de ambos produziam dor severa. Por quase uma semana após a alta do hospital, houve um gotejamento fecal e uretral com ocasional perda de controle fecal. Os movimentos eram dolorosos e restritos. A nova vagina requeria atenção e cuidados quase contínuos. A vagina havia sido ancorada à bexiga e isso, junto com a pressão sobre o intestino delgado, criou sinais mistos, de modo que, à medida que a bexiga se expandia sob o fluxo de urina, Agnes sofria vontade de defecar. Uma infecção na bexiga desenvolveu-se. Ela foi acompanhada por dor contínua e ocasionais espasmos abdominais severos. A amputação dos testículos perturbou o balanço androgênio-estrogênio, o que precipitou mudanças imprevisíveis de humor. Discussões com Bill seguiram-se, e ele rapidamente perdeu a paciência e ameaçou abandoná-la. Apesar de uma campanha para desencorajar sua mãe de vir para Los Angeles, ficou cada vez mais óbvio a Agnes que a situação estava além de seu controle, e que ela não podia esperar controlar sua convalescença por si mesma. Isso motivou a ansiedade adicional de que, se sua mãe aparecesse, Agnes dificilmente estaria em posição de impedir Bill, e a família de Bill, de descobrirem a terrível última coisa que sua mãe e ela sabiam sobre Agnes, que Bill e sua família não sabiam, i.e., que Agnes havia sido criada como um menino. Até ser re-hospitalizada devido aos espasmos da bexiga, ela administrou os cuidados da vagina e sua doença em geral passando seus dias na cama da casa de Bill, retornando à noite para seu próprio apartamento. Logo, era necessário manter controle do segredo perante a mãe de Bill, a quem havia sido contado apenas que ela tivera uma operação por “problemas femininos”. Ademais, ela sofreu

uma depressão moderadamente grave com surtos de choros inexplicáveis e incontroláveis, inquietações e profundos sentimentos de nostalgia, que eram tão estranhos a ela quanto imprevisíveis. Bill a repreendia severamente por sentir pena de si mesma, e insistia em saber, embora ela não pudesse dar respostas, se seus problemas eram físicos, ou se ela era “sempre daquele jeito”. Ela reclamou para mim que seus pensamentos e sentimentos haviam perdido sua acuidade, que achava difícil se concentrar, que se distraía facilmente, e que sua memória falhava. Como uma complicação adicional, ela se tornou temerosa de sua depressão e pensava que ia “ficar louca”.

Após um ataque particularmente grave de espasmos de bexiga, Agnes foi readmitida ao hospital, e remédios foram administrados. Os espasmos foram contidos; injeções de testosterona começaram a ser aplicadas; a infecção de bexiga foi controlada; o canal vaginal foi reaberto e iniciou-se uma rotina, primeiro de manipulação manual do canal e depois de manipulações com o uso de um pênis de plástico. Ao fim de aproximadamente seis semanas, a depressão foi curada totalmente. A vagina estava cicatrizando, restando apenas irritabilidade, e, sob o uso consciente do molde por Agnes, ela havia alcançado a profundidade de cinco polegadas (12,7 cm), estando apta a inserir um pênis de uma polegada e meia (3,81 cm) de diâmetro. As brigas com Bill cessaram, sendo substituídas por uma espera antecipatória por parte, tanto de Agnes, quanto de Bill pelo momento em que a vagina estivesse pronta para a relação sexual. Agnes descreveu seu relacionamento como: “não é da mesma forma que era no começo. Nós somos como pessoas casadas há anos, agora”.

A completa variedade de ocasiões analisáveis como um jogo e não-analisáveis como um jogo estiveram presentes vez por outra, de uma forma ou de outra, quando Agnes descreveu seu relacionamento com Bill. Se, para Agnes, todos os caminhos levavam a Roma, eles assim o faziam ao se encontrarem no namorado como um ponto de junção comum. Para ilustrar tal passagem, no curso de uma de nossas conversas, atendendo ao meu pedido, Agnes recitou em sucessão detalhada os eventos de um dia comum, e considerou para cada um a possibilidade de agir

diferentemente do modo como agira. A cadeia de consequências relatadas levava a Bill, e, a partir dele, aos segredos e ao “problema” dela. Isso ocorreu a despeito dos eventos corriqueiros com os quais a “cadeia de relevâncias” começou. Então pedi a Agnes que começasse com algo que ela sentisse valer muito a pena, que imaginasse algo que pudesse alterar tal coisa para o pior e que me dissesse o que aconteceria então, e após isso, e assim por diante. Ela disse: “a melhor coisa que já aconteceu comigo foi Bill”. Daí nós dois rimos da ineficácia da tentativa.

Discutíamos Bill em cada conversa que tínhamos. Se ela estivesse discutindo a confiança em si mesma como uma mulher, a imagem de Bill estava próxima, como alguém com quem ela podia se sentir “natural e normal”. Quando discutia seus sentimentos de fracasso, de ser uma mulher inferior, degradada, Bill fornecia a ocasião quando esses sentimentos eram mais intensamente confrontados, pois ele era a única outra pessoa, além dos médicos, para quem havia voluntariamente revelado sua condição. Após a revelação, seus sentimentos de ser uma mulher inferior foram em parte amenizados pela certeza de Bill de que ela não precisava se sentir inferior porque o pênis não era algo que ela podia ter evitado, e, em todo caso, não era um pênis sexual, era um tumor ou “algo como um crescimento anormal”. Bill estava envolvido em suas considerações quanto às suas aspirações de emprego, atitude de trabalho, disciplina de trabalho, salários, chances de promoção, conquistas profissionais. Mencionei antes suas “lições” sobre como uma garota devia se comportar, por meio das quais, sem saber como a estava ensinando, ele estava fazendo exatamente isso. Nas ocasiões seguintes à realização de afazeres domésticos, em suas relações domésticas, em sua conduta com companheiros estranhos, na sua conduta em Las Vegas, na ânsia dele pela operação e na insistência de que, se ela não podia “obter uma ação dos médicos na U.C.L.A que querem apenas fazer pesquisas em você”, que ela abandonasse os médicos da U.C.L.A. e arranjasse um médico que pudesse ajudá-la, nas relações sexuais, no companheirismo, e nos ensaios para casamento, em tudo isso Bill era direta ou indiretamente relevante.

Já propus anteriormente que as ocasiões

de passagem envolveram Agnes no trabalho de alcançar o status referido da mulher natural e normal. A relevância de Bill neste trabalho atenuou considerações de utilidade estrita e efetividade instrumental na escolha de estratégias de Agnes, e em suas avaliações da legitimidade de seus procedimentos e seus resultados. Dentre todos os seus relatos, aqueles que implicavam Bill são invariavelmente os mais resistentes à análise de jogo. Uma das incongruências estruturais mais obstinadas, que resulta quando a análise de jogo é usada, consiste no caráter histórico-perspectivo da biografia mútua que suas interações íntimas construíam, e o uso difuso ao qual essa biografia mútua poderia ser e era determinada por cada um deles. É a relevância difusa dessa biografia que ajudou a tornar compreensível o quanto fora de si estavam os medos de Agnes quanto à revelação a Bill, e como ela era particularmente resistente em contar para mim como a revelação havia ocorrido. Apenas próximo ao fim de nossas conversas e, então, apenas na única ocasião na qual insisti que ela me contasse, ela me contou a história, que então foi contada de forma derrotada e aos pedaços. A biografia mútua nos auxiliou, também, a compreender como a possibilidade de revelação se tornou cada vez mais inevitável a ela, e como a revelação ganhou cada vez mais as proporções de uma intensa agonia.

Devo restringir minha atenção a duas ocasiões, cada uma tendo sido representada por uma questão que Bill teve, a qual Agnes, enquanto ficou na situação e precisamente devido ao fato de não ter outra opção senão de assim ficar, encontrou dificuldade agonizante em responder. Antes da operação, e antes de Bill saber da condição de Agnes, sua pergunta era: “por que sem relações sexuais?” Após ele saber, sua pergunta relatada era “sobre o que são todas as conversas na U.C.L.A? Se os médicos da U.C.L.A. não prometiam coisa alguma a ela, por que ela não desistiu deles e foi a um médico que poderia fazer algo por ela, como faria por qualquer outra pessoa?”

Agnes conheceu Bill em fevereiro de 1958. Ela tinha seu próprio apartamento. Bill ia lá após o trabalho e passava o restante da noite. Havia uma grande quantidade de amassos e carícias. Enquanto Agnes permitia carinhos e afagos, não permitia que Bill colocasse as mãos entre suas pernas. A princípio, ele a repreendia

por provocação. Agnes respondeu às primeiras exigências dele por carinhos e relações sexuais alegando ser virgem. Isso não era suficiente para ele, pois, de acordo com a história de Agnes, ela ansiava desejosa “e passionalmente” por fazer amor (ela negou que atividades sexuais estimulassem nela ereções). Como uma condição para continuar o namoro, Bill exigiu uma explicação satisfatória. Ela disse a ele que sofria de uma condição médica que a proibia de ter relações sexuais; que a condição não podia ser remediada imediatamente; que requeria uma operação; que, depois da operação, eles poderiam ter relações sexuais. Ela falava apenas geral e vagamente sobre a “condição”, o que motivou a curiosidade de Bill a um ponto tal que ele novamente insistiu em conhecer a condição em detalhes. Agnes disse a ele que ela não era especialista o suficiente para fornecer essa informação, mas que a conseguiria através de seu médico em Northwest City, que estava cuidando dela. Temerosa de que Bill fosse deixá-la, Agnes retornou a Northwest City, onde pediu a seu médico para escrever a Bill uma carta a respeito de sua condição. A carta do médico, escrita deliberadamente com a ajuda de Agnes, falava apenas de modo geral sobre “uma condição” que não podia ser corrigida até ela completar 21 anos, porque uma operação realizada anteriormente poderia colocar sua vida em risco, o que obviamente era mentira. Apesar de Bill não saber disso, a resposta, mesmo assim, não o satisfaz. Ele insistiu que ela contasse exatamente o que havia de errado, e, depois de uma discussão severa, seguinte a uma relação sexual frustrada, ele fez disso uma condição para qualquer namoro ou casamento. Mais uma vez ela tentou apaziguá-lo contando a Bill que o que havia lá era repulsivo para ela e seria repulsivo para ele, ao que ele respondeu: “o que pode ser tão repulsivo? Tem algum montinho aí?”. Ela estava convencida de que tinha a escolha de não contar a ele e perdê-lo, ou de contar a ele com a esperança de que ele entenderia, e, se não entendesse, ela o perderia. Finalmente, contou a ele. Nas muitas ocasiões quando pedi a ela para relatar como ele finalmente se convencera — por exemplo, se ele fizera uma inspeção— ela se negou a fornecer qualquer outro comentário. Insistia que tinha direito a uma vida privada e sob circunstância alguma iria revelar como ele havia sido convencido. À

minha pergunta: “o que ele sabe?”, sua resposta invariavelmente era “ele sabe o que você sabe” ou “ele sabe tudo o que os médicos sabem”. Ela não dizia nada mais. Agnes disse que antes da revelação “estava como em um pedestal”. Desde então ela disse que não era mais capaz de sentir, como havia sentido antes, que ela era “sua rainha”. Agnes disse que passeios para olhar vitrines de lojas em busca de mobília de casa e discussões de planos de casamento ocorriam antes da revelação. “Desde abril”, quando retornou para casa com a carta do médico, não houve mais conversas sobre o casamento, “devido à dúvida de todos os envolvidos”. Seu relato não devia ser julgado por aquilo que parecia ser. Conversas posteriores ocorreram precisamente por causa da dúvida. Alguma parte, portanto, do que Agnes estava falando ao dizer “não houve outras conversas” referia-se à degradação que ela sofrera por finalmente ter de dizer a Bill que tinha um pênis e um escroto entre suas pernas, e que isso estava por trás de todas as suas tentativas frustradas de procurar fazer amor.

Os sentimentos que persistiram após a revelação de que ela era uma mulher inferior foram acompanhados, primeiro, pelo pensamento repulsivo de que talvez Bill fosse “anormal”. Ela descartou isso ao se lembrar de que Bill se apaixonara por ela antes de saber sobre sua condição; ao se lembrar das histórias que ele contara a ela de seus casos de amor e êxitos sexuais; e ao reconsiderar o fato de que ele julgava isso como “mais ou menos um tumor ou algo parecido com isso”, e que ele começou a incitar uma operação para corrigir a condição. Em diferentes momentos no curso de nossas conversas, ela insistiu que não havia nada em sua conduta, aparência, caráter, tratamentos relativos a ela ou a outras mulheres, e tratamentos a homens que “parecesse com homossexuais”. Por homossexuais, ela queria dizer homens com aparência afeminada, que se vestiam como mulheres. Achava a possibilidade dessa “anormalidade” repulsiva, dizendo que não poderia suportar vê-lo de novo se ela pensasse “de alguma forma” que ele fosse “anormal”. Após a operação, obtivemos um relato da aparência de Bill e de suas maneiras através de um médico residente da urologia que se encarregou de seu caso. O residente encontrara Bill um dia, quando Bill estava saindo do quarto de Agnes no hospital.

Ele a visitava regularmente enquanto ela estava no hospital. O residente relatou que se espantou pela pequena estatura de Bill, seus belos traços morenos e maneira delicada. Ao deixar a sala, Bill piscou os olhos para o residente de forma a dizer “eu e você sabemos o que está ali dentro”. Estávamos relutantes em acreditar no relato do residente, uma vez que seu despreço por Agnes era evidente por outros motivos. Ele opunha-se firmemente à decisão de operar, alegando que a operação não era nem necessária, nem ética. Era sua convicção de que havia sido feito sexo anal, uma convicção que se sustentava devido à flexibilidade do esfíncter anal. A respeito da fonte desconhecida de estrogênios, ele preferia a hipótese de que Agnes, ou sozinha, ou em companhia de outros, por muitos anos obtivera-os de uma fonte exógena. Apesar de nossas tentativas de falar com Bill, ele recusou todos os contatos.

No que diz respeito à segunda questão, as ocasiões de passagem de Agnes consistiram em justificar para Bill sua “escolha” dos “doutores na U.C.L.A.”. A tarefa de justificar para Bill suas visitas à U.C.L.A. surgiu como um tópico em quase todas as nossas conversas, não apenas anteriores à operação, como também após a operação, embora por diferentes razões, obviamente. Bill insistiu que ela deveria pedir para os doutores da U.C.L.A. tratarem-na “sem toda essa palhaçada. Eles estão te enrolando. Eles não vão fazer coisa alguma. Eles só querem fazer pesquisa. Você é só uma cobaia pra eles”. Em resposta a isso, Agnes, em nossas conversas matinais aos sábados, pressionava por um compromisso definitivo o mais breve possível. Disse repetitivamente que não tinha condições de discutir com ele, porque “da forma como ele está pensando, está perfeitamente certo. Mas eu sei de algo que ele não sabe”. (Que ela fora criada como um menino e que a forma específica pela qual ela era de interesse para nós tinha de permanecer oculta em suas discussões com Bill). Agnes tinha de lidar com a impaciência de Bill tentando convencê-lo de alguma forma que estava nas mãos certas na U.C.L.A., dada a impaciência de Bill com a lentidão do procedimento, e o caráter misterioso das conversas das manhãs de sábado, as quais ela justificou a ele devido à nossa insistência na pesquisa. Ela tinha de reconhecer a insistência dele de que ela não precisava tolerar toda essa “baboseira”, e de que ela não poderia discutir a

alegação dele de que, devido ao fato de ela ter algo errado, deveria insistir conosco para que nós, ou fizéssemos algo quanto a isso, ou a liberássemos. Ainda assim, paralelamente a isso, Agnes tinha a meta adicional de se sujeitar a uma operação feita por mãos competentes a um custo mínimo ou nulo, mas, para conseguir isso, tinha de se comprometer com a pesquisa, não apenas devido à condição anatômica com a qual Bill estava preocupado, mas que era somente uma pequena parte de nossos interesses de pesquisa. Interesses de pesquisa adicional foram direcionados ao fato de que ela foi criada até os 17 anos como um homem. Então, Agnes era incapaz de responder a Bill, porque, em suas próprias palavras, “isso é algo que eu sei que ele não sabe. Então, a meu ver, ele me considera mais ou menos como alguém vindo aqui e sendo frustrada, ou iludida, ou confundida por médicos que pensam ‘ah, aqui temos uma jovem garota que não pensa muito e podemos, você sabe, fazer algumas pesquisas com ela’... Esse é o meu grande problema, porque não posso discutir com ele e não posso mostrar que ele está errado nesse sentido, porque, no sentido em que ele está pensando, ele está perfeitamente certo. Mas, na verdade, se eu me sentisse dessa forma, eu estaria completamente errada. É por isso que tenho de esperar. É porque sei de algo que ele não sabe. É por isso que tenho de esperar”.

Em seguida à operação, Agnes precisou novamente de argumentos, porque estava com medo da sua depressão e do enxame de dificuldades durante as primeiras semanas de convalescença. Como ela disse, trocou um conjunto de problemas por outro. Estava assustada com o que estava acontecendo. Entre outras coisas, ela queria a garantia de que não estava “louca” e confidenciou que obteve alívio considerável ao conversar conosco, mas era inteiramente incapaz de explicar isso a Bill. Quando discutia isso com Bill, ou ele não dava a mínima, ou queria sua garantia de que seus problemas psicológicos eram devidos inteiramente a mudanças físicas após as operações, e de que ela não era aquele tipo de pessoa, i.e., temperamental, irritável, autopiedosa, chorosa, egoísta, e de que esse não era seu caráter “real”. Mesmo após a vagina haver começado a cicatrizar adequadamente e a depressão haver se dissipado, ela ainda estava disposta, e, na verdade, desejava, continuar as conversas semanais. Uma

parte de seu desconforto estava relacionada às características funcionais de sua vagina e à dúvida se Bill lhe prometeria casamento antes ou depois de haverem tido relações sexuais. Ela tomava como certo que tinha de permitir ao Bill ter relações com a nova vagina antes do casamento. Como ela disse, “É para isso que serve, é para relações sexuais”. Outra parte de sua preocupação consistia na incerteza que ela sentia ao perceber um relacionamento modificado com Bill, ao comparar os preparativos presentes com o que haviam sido, muitos meses antes. Ela percebia também que o relacionamento mudaria ainda mais nos meses seguintes. “Agora”, disse ela, “somos como pessoas casadas há anos”. Nesse tempo, ela expressou, também, a convicção de que sabíamos mais sobre Bill do que ela, e sabíamos mais do que estávamos dizendo. Em uma das últimas entrevistas, ela perguntou, pela primeira vez em todas as nossas conversas, se eu daria a ela minha opinião sobre Bill e se eu achava que Bill fosse “anormal”. Respondi que eu sabia sobre Bill apenas o que ela havia contado sobre ele, que nunca o havia visto ou conversado com ele, e que seria injusto dar a ela essa opinião.

Que Agnes estava fazendo a passagem conosco é um aspecto do modo como nossa pesquisa foi conduzida com ela; seu problema era o de obter uma operação competente, garantida e de baixo custo, sem “submeter-se à pesquisa”, com o que ela queria dizer protegendo sua privacidade. Assim, embora ela tenha mostrado sua disposição em fazer “todos aqueles testes” e organizar o baralho (Q-deck test) de acordo com várias instruções, ela mesma forneceu evidências de dissimulação. Havia sido dado a Agnes o baralho para levar para casa consigo e organizar, e devolver o baralho organizado ao psicólogo na semana seguinte. Agnes disse que Bill estava sempre querendo ver como ela arranjava as cartas, “mas misturei todas as cartas, então ele não conseguiu descobrir nada”. (Agnes riu). Outra medida de sua passagem conosco é encontrada nos “segredos” que Agnes conseguiu, entretanto, proteger. A despeito de um total de aproximadamente setenta horas de conversas combinadas com nós três e conversas adicionais com vários membros da equipe dos Departamentos de Urologia e Endocrinologia, e a despeito do fato de questionamento direto

e indireto haver sido tentado para obter informações, houve ao menos sete áreas críticas nas quais nada obtivemos: (1) a possibilidade de uma fonte exógena de hormônios; (2) a natureza e extensão da colaboração que ocorreu entre Agnes e sua mãe e outras pessoas; (3) qualquer evidência utilizável, além de quaisquer achados detalhados relacionados a seus sentimentos masculinos e sua biografia masculina; (4) para que seu pênis havia sido usado, além de urinação; (5) como ela satisfazia sexualmente a si mesma e aos outros, e, mais particularmente, ao seu namorado, tanto antes quanto depois da revelação; (6) a natureza de quaisquer sentimentos, temores, pensamentos e atividades homossexuais; (7) seus sentimentos sobre si mesma como uma “mulher falsificada”. Alguns detalhes sobre o modo como essa passagem conosco foi controlada podem se tornar claros na seção seguinte, na qual aspectos específicos de seus dispositivos de gerenciamento são discutidos.

Se Agnes estava fazendo a passagem conosco, deve ser declarado com toda a franqueza que houve muitos momentos, de fato, quando eu estive fazendo a passagem com ela. Houve muitas ocasiões nas trocas de ideias entre Agnes e eu, nas quais foi necessário para mim deixar de lado seus pedidos por informações, de forma a evitar qualquer mostra de incompetência, e para manter o relacionamento com Agnes. Por exemplo, fui incapaz de dizer a ela se havia, ou não, diferença entre a urina masculina e a feminina. Havia vários aspectos legais sobre o caso, sobre os quais ela fez perguntas que eram bastante óbvias como perguntas quando foram feitas, mas não haviam ocorrido a mim, nem eu tinha a mínima ideia de quais seriam suas respostas adequadas. Quando ela estava sofrendo pela danificação da bexiga e do intestino, perguntou se eu poderia lhe dizer quanto tempo aquilo continuaria e o que ela poderia esperar que acontecesse em seguida. Em várias ocasiões anteriores à operação, ela quis saber se eu poderia lhe dizer o que sabia sobre a provável decisão. Várias vezes, ela me perguntou detalhes sobre a operação e a natureza do cuidado pós-operatório. Ela fez perguntas anatômicas. Uma dessas estava relacionada a uma misteriosa “coisa dura” que ela havia encontrado na parte de cima do novo canal vaginal. Ela presumiu que eu seria capaz de lhe dizer o que era isso. Minha

esposa havia feito um trabalho de graduação com o hormônio relaxina e seus efeitos na sínfise púbica em porquinhos-da-índia. Identifiquei a coisa dura como a sínfise púbica e disse a ela o que a relaxina faz por meio do relaxamento espetacular dessa cartilagem antes da passagem das cobaias neonatas pelo canal vaginal. Tive de esperar com secreto fervor que, ao transferir a história para humanos, que eu não estivesse contando a ela inteiramente uma história da carochinha, em parte porque eu teria gostado de dizer a verdade, mas talvez, ainda mais importantemente, para preservar a amizade, a conspiração, e o pressentimento de que estávamos em uma liga um com o outro, que não havia segredos entre nós, porque eu já sabia muitas coisas privadas a seu respeito, e nada que ela pudesse me contar mudaria de forma alguma nossa simpatia por ela, ou nosso desejo de fazer o que pudéssemos para vê-la feliz e bem. Minha resposta típica, portanto, era descobrir tanto quanto podia a respeito do que ela queria saber, e por quê, e assegurar a ela que eu podia responder suas perguntas, mas que era pelo seu melhor interesse que ela devia pedir a Stoller, o médico, para lhe dar as respostas, porque as respostas a essas perguntas eram reconhecidamente de grande importância para ela, e, portanto, ela requeria respostas autorizadas. Devo confessar que essa foi uma resposta improvisada que ocorreu na primeira ocasião em que Agnes me pegou desprevenido. Uma vez que funcionou, porém, passei a tê-la como estratégia para usar em ocasiões posteriores. É de interesse adicional que, a despeito dessas garantias, Agnes não podia me perguntar, aparentemente ela sabia que não podia me perguntar, nem eu teria estado preparado para lhe dizer verdadeiramente, se ou como a decisão de operar seria modificada, se ela revelasse as respostas aos sete pontos sobre os quais queríamos que ela nos contasse, mas sobre os quais não pudemos obter informação alguma dela.

## REVISÃO DE DISPOSITIVOS DE GERENCIAMENTO

Em contraste com homossexuais e travestis, era convicção de Agnes de que ela era naturalmente, originalmente, realmente, afinal, mulher. Nenhuma zombaria ou disfarce acompanhou essa alegação, pelo que pudemos observar. A esse respeito, Agnes

compartilhava, ponto por ponto, da perspectiva das pessoas “normais”.

Mas importantes diferenças existiam, entretanto, entre Agnes e as pessoas “normais”. As pessoas normais são capazes de levantar essas alegações sem um segundo pensamento, enquanto, para ela, essas alegações a envolviam em incertezas sobre as respostas dos outros. Suas alegações tinham de ser amparadas e gerenciadas por perspicácia, intencionalidade, habilidade, aprendizado, ensaio, reflexividade, teste, revisão, feedback, e assim por diante. Seus direitos adquiridos de tratar os outros e ser ela mesma tratada como mulher natural foram adquiridos como resultado do gerenciamento bem-sucedido de situações de risco e incerteza. Revisaremos de algumas das medidas pelas quais ela foi capaz de assegurar e garantir suas alegações.

Seus dispositivos foram conduzidos dentro das condições e motivados por um conhecimento de si mesma que não interessavam, em quase toda ocasião de contato com os outros, a nenhuma outra pessoa, mas eram, entretanto, importantes para ela. Como notei, o conhecimento oculto de si mesma era visto por ela como uma revelação potencialmente degradante e prejudicial. Ela estava realisticamente convencida de que haveria quase nada que pudesse servir como um remédio disponível, pelo qual outras pessoas pudessem ser “ajustadas”, se a revelação ocorresse. A esse respeito, os fenômenos da passagem de Agnes são suscetíveis às descrições de Goffman do trabalho de gerenciar impressões em ordens sociais estabelecidas. Essa susceptibilidade, porém, é apenas superficial, por razões que serão aparentes durante o curso da discussão.

Quando digo que Agnes alcançou suas reivindicações de ser-lhe atribuído o status de mulher natural pelo gerenciamento bem-sucedido de situações de risco e incerteza, não quero dizer com isso que Agnes estivesse envolvida em um jogo, ou que isso fosse para ela uma questão intelectual, ou que o controle do ego para ela se estendesse ao ponto de poder trocar com algum sucesso, além de com alguma facilidade, do papel de um sexo para o outro. Já mencionei várias evidências disso. Outras evidências podem ser citadas. Mesmo em imaginação, Agnes achava, não apenas difícil contemplar-se agindo de modo “masculino”, como também achava isso repugnante. Algumas

memórias eram tão excepcionalmente dolorosas para ela, a ponto de serem perdidas como fundamentos de ação deliberada. Quando ficou sabendo que a decisão de operar havia sido tomada, o conhecimento de que estava comprometida com a operação como decisão foi acompanhado por um temor de que, quando estivesse sobre a mesa, porque a decisão estaria então inteiramente fora de suas mãos, os médicos, sem consultá-la, decidiriam amputar seus seios, em vez de seu pênis. O pensamento provocou uma depressão branda, até que ela foi assegurada de que nada do tipo seria o caso. A mulher natural era uma condição que suas várias estratégias tinham de satisfazer. Agnes não era uma jogadora. A “mulher natural” era uma entre muitas restrições institucionais, “certezas irracionais”, uma coisa, na qual ela insistia diante de todas as indicações contrárias e as seduções de vantagens e metas alternativas. Isso atenuava o caráter deliberado de seus esforços, a disponibilidade real, além do exercício de escolhas, e a consistência de sua aquiescência com normas de estrita utilidade e efetividade em suas escolhas de meios. Isso fornecia “restrições” ao exercício de certas propriedades racionais de conduta, particularmente daquelas propriedades racionais que são fornecidas, quando certos jogos são usados como modelos procedimentais para formular propriedades formais de atividades práticas.

Não apenas é necessário enfatizar as deficiências da análise de estratégia ao discutir seus “dispositivos de gerenciamento”, mas a própria expressão “dispositivo de gerenciamento” é apenas temporariamente proveitosa. Ela é útil porque permite um relato sequencial desses dispositivos. Pela mesma razão que facilita a sequenciação, também obscurece os fenômenos com os quais é necessário chegar a um acordo. *Esses fenômenos consistem em Agnes em cursos de ação contínuos direcionados para o domínio de suas circunstâncias práticas através da manipulação dessas circunstâncias como uma trama de relevâncias.* O aspecto problemático encontrado repetidamente é o papel obscuro e pouco conhecido que o tempo desempenha ao estruturar a biografia e as perspectivas de situações presentes durante o curso de ação como uma função da própria ação. Não é suficiente dizer que as situações de Agnes são representadas no decorrer do tempo, nem é de forma alguma suficiente considerar esse

tempo como o tempo de relógio. Há também o “tempo interno” da recordação, da lembrança, da antecipação, da expectativa. Toda tentativa de lidar com os “dispositivos de gerenciamento” de Agnes, desconsiderando esse tempo, funciona bastante bem desde que as ocasiões fossem episódicas em sua estrutura formal; e todas as análises de Goffman, ou tomam episódios como ilustração, ou tornam episódicas as situações que seu esquema analisa. Mas análises estratégicas falham sempre que esses eventos não forem episódicos. Então, para manter a análise em boas condições, é requerido o exercício de ingenuidade teórica, e uma sucessão de escolhas teóricas, uma composta com base na outra, com o uso frenético de metáfora, na esperança de trazer esses eventos a uma representação fiel. Essa advertência pode ser resumida, embora pobremente, apontando que seria incorreto dizer de Agnes que ela fez a passagem. O modo ativo é necessário: ela está fazendo a passagem. Por mais inadequada que seja essa expressão, porém ela resume os problemas de Agnes. Serve também para nossos problemas de descrever acuradamente e adequadamente quais foram os seus problemas.

Após enumerar alguns de seus dispositivos de gerenciamento, discutirei suas circunstâncias práticas, com o propósito de tratar seus dispositivos como manipulações de suas circunstâncias práticas, concebidas como uma trama de relevâncias.

## DISPOSITIVOS DE PASSAGEM

Agnes usou diversos dispositivos, todos eles bastante familiares, para conseguir não nos dar informações. O mais importante é que Agnes empregou o eufemismo—transformando a coisa sobre a qual estivesse falando em algo amplamente melhor, mais valioso, bonito e agradável do que poderia ter sido, na realidade. Alguns exemplos: a descrição de Agnes do primeiro emprego que teve, após seu retorno de Midwest City, foi pouco melhor do que uma resposta “blá-blá-blá”. “Ah, tudo era simplesmente maravilhoso”; “foi o melhor emprego que tive na vida”; “todo mundo era tão legal; os acordos eram tão harmoniosos”; “ainda me correspondo com todas as meninas de lá”; “era uma festa”; “todo mundo transbordava de amizade e animação”. Suas obrigações específicas foram negligenciadas em seu relato. Quando

foi pressionada, não as achou “nem um pouco” interessantes para discutir. Como vimos, também, o caráter feminino de sua história anterior foi exagerado, enquanto as evidências de que havia sido criada como um menino foram suprimidas.

Outro modo de reter informações foi falar em generalidades, ou usar a alusão, ou referências cautelosas e impessoais, ou falar no modo impessoal. Passamos a considerar que era isso o que ela estava fazendo quando dizíamos que Agnes estava “evasiva”. Outro dispositivo favorito foi fingir que não sabia do que se falava, ou negar que algo de que se havia falado anteriormente tivesse realmente sido mencionado alguma vez.

Quando tornávamos inevitável que ela discutisse conosco algo sobre o que ela não quisesse falar, ela usava o que passamos a chamar de “legalismos”. Ela respondia e insistia que estava respondendo corretamente ao sentido literal das palavras e da pergunta. Ou, se eu propusesse haver recordado algo que Agnes houvesse dito em uma ocasião anterior, ela me faria ater à recordação literalmente acurada do que exatamente havia sido dito. Um dispositivo favorito foi permitir que outras pessoas, e, em muitas de nossas conversas, eu, conduzíssemos a conversa, para ver em que direção o vento estava soprando, antes de oferecer uma resposta. Ela tinha um modo de permitir que o ambiente lhe ensinasse as respostas que esperava para as suas próprias perguntas. Ocasionalmente, Agnes denunciava esse artifício, perguntando-me, após uma troca de ideias, se eu pensava que ela havia dado uma resposta normal.

Nas muitas situações em que sabia o bastante, ela havia mapeado antes todos os desenvolvimentos alternativos possíveis e havia decidido as condições de sua escolha de um curso ou outro, antes de ter de exercer essas escolhas. Por exemplo, ao se preparar para a possibilidade de cair fora do exame físico, caso o médico prosseguisse até examinar seus genitais, Agnes considerou bem, anteriormente, a variedade de modos como o médico poderia responder, quando ela se recusasse a permitir que o exame prosseguisse. Ela disse: “Nunca fui examinada por um médico, e não pretendo ser”. Perguntei a Agnes qual ela pensava que teria sido a resposta do médico, se ela não permitisse o exame genital. Ela disse: “Pensei que ele tomaria isso por, ah, idiossincrasia, ou algo assim”.

Onde fosse possível fazê-lo, e, particularmente, onde houvesse ganhos importantes e riscos importantes envolvidos, Agnes “esquadrinhava” a situação secretamente, de antemão. Ela tentava se fazer conhecedora de situações críticas antes de ter de encontrá-las. Por exemplo, ela queria muito candidatar-se a um exame para um serviço público, mas temia que o exame físico para o serviço público fosse muito completo. Lembrou-se de que seu senhorio, um bombeiro, havia tido de fazer um exame para serviço público, e então combinou de conversar com ele. Ela desejava evitar ter de explicar a ele sua relutância em arriscar um exame, em que ela poderia não passar: “Ele não percebeu nada do que eu estava realmente perguntando a ele a respeito do meu problema. Foi que—eu fiz as perguntas de maneira casual. Eu disse, bem, assim—você tem mesmo que fazer um exame físico, não é? Ele diz, ah, é mesmo. Eu disse, ah é? De que tipo? É um exame completo, mesmo? Eles julgam o quanto você é feliz, ou algo assim? Não, ele disse, não é assim tão completo, é um exame realmente leve”.

Ela era particularmente adepta a fornecer informações que levariam a outra pessoa longe de considerar a possibilidade de que ela houvesse sido criada como um menino. “Francamente, não quero que ninguém confira. Com conferir, quero dizer mais ou menos investigar minha vida passada. ... Não acho que seria muito possível, a não ser que se deparassem com alguma coisa, para descobrir algo sobre mim quando era mais nova, mas. . . .” Portanto, ela evitava dar informações em formulários de empregos que motivassem os empregadores a “conferir”. Ela descreveu seu procedimento ao preencher esses formulários: “Quando é feita a pergunta: ‘Você passou por alguma operação importante?’, sempre digo não. ‘Você tem algum defeito físico?’, sempre digo não. ‘Você se ofenderia com um exame físico muito completo?’, sempre digo não. Digo que não protestaria, porque, se disser que sim, provavelmente eles notariam isso no formulário e iriam querer uma explicação. Então eu mais ou menos deixo isso passar, para que não fique muito visível. Se eu começasse a fazer coisas assim, provavelmente acabaria numa situação muito pior. Quero dizer, é mais difícil encontrar emprego, ou algo desse tipo. De qualquer forma,

não acho que tenho de dizer a verdade sobre esse tipo de coisas”. Agnes resumiu o caso para si mesma: “É necessário para mim contar pequenas mentiras leves grande parte do tempo, e acho que há aquelas que . . . aquelas que são necessárias e tem de ser necessárias para se chegar a resultados”.

Algumas dessas pequenas mentiras brancas eram prefiguradas, muitas eram improvisadas. Quanto aos questionários de emprego, suas respostas características mostravam vários aspectos: (1) Ela selecionava aquelas respostas que, pelo que estimava, pareceriam não requerer uma explicação posterior. (2) As respostas, embora fossem falsas quanto a sua biografia, eram plausíveis como respostas do tipo de datilógrafa que ela fingia ser, respostas que levantavam antecipações que ela tinha esperanças de poder satisfazer tão logo estivesse no emprego. (3) Ela dependia de sua habilidade de improvisar explicações satisfatórias para quaisquer discordâncias que pudessem ser detectadas. Agnes estava altamente sintonizada e conhecia em detalhes as expectativas convencionais em uma gama extremamente vasta de situações cotidianas que ela tinha de encontrar: “sempre estou consciente” de contingências. Sua consciência dos funcionamentos rotineiros, normalmente nunca percebidos de outra maneira, das estruturas sociais, e seu interesse e disposição em tratá-los como fundamentos de suas próprias ações, emprestam às ações de Agnes seu sabor “manipulativo”. Para usar as palavras de Parsons, no conhecimento de Agnes das exigências de uma ordem estável, ela designou clara prioridade de relevância à célula de “adaptação”.

Foi necessário a Agnes continuar a estar alerta para as tarefas de impedir que as atribuições da mulher natural fossem confundidas com as atribuições alternativas de homem, homossexual masculino, e assim por diante. Um senso inevitável de duplo entendimento ocorreu particularmente em suas discussões com médicos e comigo. Ela estava sujeita ao impulso de “avaliar” ou “ajustar” aqueles com quem falava, cujas observações poderiam ter sido bastante inocentes, mas cujas imputações, conforme as detectava, com ou sem intenção, eram muito desconfortáveis para ela—imputações de falsa mulher, aberração, homossexual masculino, mulher anormal, e assim por diante. A mulher natural era, naturalmente, a

única escolha. Em muitas ocasiões, comigo, Agnes insistiu que eu “consertasse as coisas”. Em muitas ocasiões, ela insistiu que eu não estava dizendo algo corretamente, a razão sendo que a prioridade de relevância estava obscurecida pelas imputações erradas. Por exemplo, certa vez, revi alguns materiais que ela havia apresentado, sobre seus sentimentos na época em que estava morando com sua colega de quarto, em Los Angeles, e as primeiras festas que tiveram. Ela disse: “Eu sentia que elas sentiam que eu era completamente normal e natural, e isso mais ou menos me dava um sentimento natural de satisfação, sabe, ser vista desse modo”. Eu recapitulei: “Você quer dizer ser tratada como mulher, é isso o que está dizendo?” Agnes respondeu: “Não como mulher, não ser tratada como mulher—ser tratada completamente normalmente, sem absolutamente nenhuma consideração pelo meu problema”. Nas ocasiões com ela, nas quais empreguei o modo de falar que ela estivera “agindo como uma mulher”, eu recebia uma variação ou outra do tema essencial: Eu sou uma mulher, mas os outros entenderiam mal, se soubessem como fui criada, ou o que tenho entre as pernas. A exigência conversacional de que eu falasse de Agnes como mulher natural era acompanhada pela exigência: “Eu quero que você entenda isso da maneira certa”. Por exemplo: “Não me senti assegurada porque esperava agir normalmente. Eu não esperava agir de nenhum outro modo”. Ou então, não era que a ocasião da primeira festa com suas colegas de quarto fosse “particularmente prazerosa”. Eu tinha caracterizado aquela ocasião como particularmente prazerosa, ao que sua réplica afiada e irritada foi: “O que você quer dizer com isso? Não foi particularmente prazerosa. Eu disse que era a primeira vez na minha vida em que eu estava me divertindo, saindo com as pessoas e fazendo coisas diferentes. . . Nada particularmente prazeroso. Tudo foi, eu diria, natural!”

Uma outra preocupação sua para que eu entendesse as coisas certo tinha a ver com minhas anotações. Em uma ocasião, ela perguntou o que eu estava escrevendo e pareceu um pouco desconfortável com o fato de que as sessões estavam sendo gravadas, embora o desconforto tenha desaparecido depois da quarta ou quinta sessão. Após uma reflexão momentânea, ela pareceu reconciliada com a gravação, dizendo: “É claro que você pode sempre voltar à gravação e

corrigir suas anotações. Uma pessoa, não importa o quanto for inteligente, pode entender mal o que outra pessoa está dizendo, se for dito sem as explicações apropriadas—algo que é dito pode ter um respaldo—tenho certeza de que os outros médicos provavelmente gostariam de ouvir as conversas e, onde houver algo assim eles poderiam . . . usar isso para ter um respaldo para o caso”.

Finalmente, Agnes literalmente me proibiu de “entender mal” as “razões” e “explicações” que me forneceu para suas ações. Ela também estava muito preocupada em manter o contraste entre sua biografia e suas perspectivas, e o modo como apareceriam na ficção, em jogos, brincadeira, fingimento, zombaria, disfarce, suposição, mera teorização, e assim por diante. É possível que Agnes tivesse percebido, por si mesma, o elo íntimo entre o modo como interpretações posteriores podem ser determinadas pelas precedentes, estabelecidas nas histórias mutuamente conhecidas de suas interações com uma pessoa ou outra, e, é claro, particularmente em suas histórias com médicos e com Bill. Conosco, a possibilidade de um “mal-entendido” não só motivava a possibilidade adicional de uma decisão desfavorável a respeito da operação, mas, por causa da confiança que havia sido construída, levantava uma perspectiva sórdida de traição.

Várias vezes em nossas conversas, Agnes enfatizou o caráter ensaiado de algo que ela chamava de “displicência”, termo com o qual queria dizer a apresentação de uma aparência casual. Ela falou várias vezes sobre uma “displicência” ensaiada. “Parece que você está sendo muito displicente, mas—quando você repara nas circunstâncias, então pode dizer que não está de forma alguma sendo displicente”. Agnes enfatizava a importância da aparência de casualidade que fosse acompanhada por uma vigilância interna. Quando observei a ela: “Então, enquanto pode parecer que você está sendo casual, na verdade você não está, você não se sente casual. É isso o que você está dizendo?” A isso, ela replicou: “Não exatamente. Apenas me sinto casual, no sentido de que me sinto normal e natural, e tudo, mas estou consciente . . . de que eu . . . devo tomar cuidado, desse jeito”, a que ela depois acrescentou: “Mas lembre-se de que ainda sou uma moça normal”. Como uma tática que acompanha a casualidade ensaiada, Agnes disse

que preferia evitar quaisquer testes, e que ela tentava, onde fosse possível, avaliar de antemão a severidade e suas chances de completar com sucesso um teste, ao qual pudesse ser submetida. Ela preferia claramente evitar quaisquer testes, em que achasse que poderia fracassar.

### DISPOSITIVOS DE GERENCIAMENTO COMO MANIPULAÇÕES DE UMA TRAMA DE RELEVÂNCIAS: CHEGANDO A UM ACORDO COM AS “CIRCUNSTÂNCIAS PRÁTICAS”

Os sociólogos têm se interessado há muito tempo pela tarefa de descrever as condições da vida social organizada sob as quais os fenômenos da racionalidade na conduta ocorrem. Uma dessas condições é continuamente documentada nos escritos sociológicos: a rotina como condição necessária da ação racional. As propriedades racionais de ação, que são de interesse a esse respeito, são aquelas que são particulares à condução dos afazeres cotidianos. Max Weber, em sua distinção negligenciada entre a racionalidade substantiva e a racionalidade formal, e quase sozinho entre os teóricos em sociologia, usou essa distinção entre os dois conjuntos de racionalidades em toda a sua obra.

As relações entre a rotina e a racionalidade são incongruentes apenas quando são vistas de acordo com o senso comum cotidiano, ou de acordo com muitos ensinamentos filosóficos. Mas a pesquisa sociológica aceita, quase como um truísmo, que a habilidade de uma pessoa agir “racionalmente” — isto é, a habilidade de uma pessoa, ao conduzir seus afazeres cotidianos, calcular; agir deliberadamente; projetar planos de ação alternativos; selecionar antes da série real dos eventos as condições sob as quais seguirá um plano ou outro; dar prioridade, ao selecionar meios, à eficácia técnica; se importar com a previsibilidade e desejar “surpresa em pequenas quantidades”; preferir a análise de alternativas e consequências anteriores à ação, ao improvisar; se importar com questões sobre o que é para ser feito e como é para ser feito; estar consciente, desejar e exercer a escolha; ser insistente quanto à estrutura “refinada”, em contraste com a “grosseira”, em caracterizações no conhecimento de situações que se considera conhecimento valioso e realístico; e todo o resto — que essa habilidade depende

de a pessoa ser capaz de tomar como dado, de confiar em uma vasta gama de aspectos da ordem social. Na condução de seus afazeres cotidianos, para a pessoa tratar racionalmente um décimo dessa situação, que, como um iceberg aparece acima da água, ela deve poder tratar os nove décimos que ficam por baixo como um contexto, não questionado e, o que talvez seja ainda mais interessante, inquestionável, de questões que são demonstravelmente relevantes para seu cálculo, mas que aparecem sem sequer serem notadas. Em sua famosa discussão sobre os contextos normativos de atividade, Émile Durkheim deu grande valor ao fato de que a validade e a inteligibilidade dos termos declarados de um contrato dependiam de termos não declarados e essencialmente não declaráveis, que as partes contratantes tomavam como certos ao firmarem suas transações.

Esses aspectos, em que se confia, que se tomam como dados, do contexto da situação de uma pessoa, isto é, os aspectos de rotina da situação que permitem a “ação racional”, são comumente referidos no discurso sociológico como os costumes e hábitos folclóricos. Nesse modo de falar, os costumes descrevem as formas, nas quais a rotina é uma condição para o aparecimento da ação racional, ou, em termos psiquiátricos, para a operacionalidade do princípio de realidade. Os costumes têm sido usados, portanto, para mostrar como a estabilidade da rotina social é uma condição que capacita as pessoas, no curso de dominar e controlar seus afazeres cotidianos, a reconhecer as ações, crenças, aspirações, sentimentos umas das outras, e assim por diante, como razoáveis, normais, legítimos, compreensíveis e realísticos.

As ocasiões de passagem de Agnes e seus dispositivos de gerenciamento põem em relevo a relação problemática, no seu caso, entre a rotina, a confiança e a racionalidade. Ao considerarmos essas ocasiões de passagem e dispositivos de gerenciamento com respeito a essa relação problemática, podemos conseguir nos libertar do mero “diagnóstico” ou da ênfase de Goffman nos episódios. Pode-se admitir, em concordância com a acuidade da visão “maliciosa” de Goffman, que os membros de uma sociedade, geralmente, e Agnes, de um modo particularmente dramático, estão muito preocupados com o gerenciamento de

impressões. Podemos admitir, também, a acuidade e argúcia de suas descrições dessa preocupação. Não obstante, se se tentar reproduzir as características da sociedade real povoando-a com membros do tipo de Goffman, o que nos resta são incongruências estruturais do tipo das que foram discutidas em seções anteriores deste trabalho.

Uma revisão das ocasiões de passagem e dispositivos de gerenciamento de Agnes pode ser usada para argumentar sobre como Agnes era experiente e eficaz em dissimular. Teríamos de concordar com Goffman em que, como suas pessoas que estão engajadas no gerenciamento de impressões, ela era uma mentirosa consumada, e que, como na sociedade produzida pelos membros dissimuladores de Goffman, mentir proporcionou a Agnes e a seus interlocutores efeitos conservadores para os aspectos estáveis de sua interação socialmente estruturada.

Mas um ponto problemático no procedimento interpretativo de Goffman emerge com completa clareza, quando suas visões são usadas para analisar outros aspectos do caso de Agnes. O problema gira em torno da ausência geral, com a qual a deliberação, o cálculo, ou o que Agnes chama de sua “consciência”, entra como propriedade do trabalho de gerenciar impressões, para os membros de Goffman. Nas aplicações empíricas das noções de Goffman, uma pessoa é continuamente tentada a pressionar o informante com exasperação: “Ora, vamos lá, você deve saber mais do que isso. Por que você não confessa?” O caso de Agnes nos ajuda a ver a que esse problema pode ser legítimo.

Agnes tratou com deliberação, cálculo e gerenciamento expresso (i.e., da maneira como Goffman gostaria de que todos os seus informantes confessassem, se seu modelo de análise for considerado correto) questões que os membros (a) não apenas tomam sob confiança, mas (b) requerem uns dos outros, para seus julgamentos mútuos de normalidade, razoabilidade, inteligibilidade, racionalidade e legitimidade, que eles tratam de maneira confiante e confiável, e (c) requerem uns dos outros que evidências de confiança sejam fornecidas sempre que a deliberação, o cálculo e o controle expresso sejam usados ao controlar os problemas da vida diária. Agnes teria desejado agir dessa forma confiante, *mas a rotina como condição para o gerenciamento*

*eficaz, calculado e deliberado de circunstâncias práticas era, para Agnes, especificamente e cronicamente problemática.* Desconsiderar seu caráter problemático, ela estava convencida, era arriscar-se à revelação e à ruína. Portanto, uma revisão do seu caso permite o reexame da natureza de circunstâncias práticas. Também nos leva a pensar no trabalho de gerenciamento de impressões—no caso de Agnes, isso consiste nos seus “dispositivos de gerenciamento” de passagem—como tentativas de chegar a um acordo sobre as circunstâncias práticas como uma trama de relevâncias durante as ocasiões continuadas de transações interpessoais. Finalmente, nos permite perguntar de que se trata essa “preocupação” com gerenciamento de impressões, ao vermos como uma preocupação com as “aparências” está relacionada a essa trama de relevâncias.

No curso de uma de nossas conversas, Agnes havia questionado a necessidade de mais alguma pesquisa. Ela queria saber como isso daria respaldo a suas chances de operação. Ela queria saber também se isso ajudaria “os médicos” a chegar aos “fatos verdadeiros”. Perguntei a Agnes: “Quais você imagina que sejam os fatos?” Ela respondeu: “Quais eu imagino que sejam os fatos, ou quais eu penso que todos os outros pensam que sejam os fatos?” Esse comentário pode servir como tema ao elaborarmos as circunstâncias práticas de Agnes como uma trama de relevâncias. O tema para ela da natureza de suas circunstâncias práticas foi fornecido ainda em outro comentário. Antes da operação, eu havia perguntado a ela sobre as discussões e atividades, nas quais ela e Bill poderiam ter se engajado como preparação para o seu casamento. Em suas respostas, ela retratou suas discussões com Bill como predominantemente voltadas para a necessidade da operação. Ela deixou minha questão firmemente de lado com o comentário: “Você não conversa sobre o quanto vai se divertir em Nova York, quando está afundando em um navio no meio do oceano. . . . Você se preocupa com o problema que está presente”.

## CIRCUNSTÂNCIAS PRÁTICAS

As circunstâncias de Agnes foram impressionantes pela severidade com a qual eventos passados e futuros foram relacionados e regulados como uma arena pelo relógio e o

calendário. Seus futuros eram futuros datados, mais particularmente como as ações e circunstâncias presentes eram informadas pela suposição de um remédio potencial para “seu problema,” que tinha de ter ocorrido em algum tempo definido. O fato de ter havido muitos anos, durante os quais nenhuma data assim havia sido marcada não divergia nem um pouco do caráter definido desse futuro, muito embora sua data específica do calendário fosse inteiramente desconhecida. Agnes era solicitada por desempenhos específicos, não só a estabelecer domínio sobre essa arena, mas, por seu desempenho, a estabelecer seu valor moral, também. Para ela, a pessoa moralmente digna de valor e a “mulher natural, normal” eram idênticas. Na sua busca por empregos, no gerenciamento do namoro, em suas aspirações ao casamento, em sua escolha de companhias, no gerenciamento da família dos amigos de Northwest City, as tarefas de adquirir o status da mulher natural, normal tinham de ser cumpridas em um dado tempo. Talvez em nenhum lugar isso surja mais dramaticamente do que nas brigas que anteciparam a revelação a Bill, e na terrível recalitração da nova vagina, que consistiu em um aspecto tão central da depressão pós-operatória. Seu constante recurso à autorreavaliação consistia na comparação contínua dos resultados antecipados e reais, na monitoração contínua de expectativas e recompensas, com esforços intensos para acomodar e normalizar as diferenças. Agnes despendia uma grande quantidade de esforço para colocar sempre mais áreas de sua vida sob representação conceptual e controle. Expectativas em áreas da vida, que, para pessoas mais capazes do que ela de tomar como certa sua sexualidade normal, pareceriam estar muito longe dos interesses de crítica e revisão do “conhecimento de senso comum” da sociedade, eram, para ela, questões de deliberação ativa e crítica, e os resultados dessas deliberações estavam ligados a níveis supremos em sua hierarquia de planos. Os conteúdos de biografias e futuros eram altamente organizados com respeito a sua relevância para o status adquirido de mulher natural. Era realmente difícil para ela encontrar alguma área que ela não pudesse, em poucas e breves etapas, tornar relevante para o prêmio.

Havia muito pouco de uma atitude de “pegar ou largar” por parte de Agnes em relação

à sequencia passada, presente ou futura dos eventos. Agnes raciocinava da seguinte maneira: Eu passei por momentos terríveis no ensino médio, não tive companhia quando criança, fui criada como menino, tenho este rosto e estes seios, tive encontros e me diverti com as amigas de modo normal e natural como as garotas fazem, perdi dezessete anos, porque um ambiente equivocado não reconheceu o caráter acidental do pênis e se recusou a tomar uma atitude, então eu mereço o status, pelo qual, infelizmente, me encontro na posição de ter de pedir. Para Agnes, a possibilidade de ser-lhe conferido tratamento como a uma mulher natural, normal era uma possibilidade moral. Ela considerava suas chances em termos de merecimento e culpa. Ela achava repugnante considerar que uma enumeração desses fatores serviria, ou deveria servir, na forma de probabilidade, meramente para fixar a possibilidade de que ela fosse “mulher”. Com respeito àquele passado, bem como à sua validação antecipada de suas alegações, a ocorrência de um remédio para a sua condição tinha uma exigência moral. Para ela, tinha de haver e devia haver um plano e uma razão para o modo como as coisas haviam acontecido, e também para como teriam finalmente ocorrido. Muito poucas coisas poderiam ocorrer para Agnes, baseando-se em sua relevância para o “seu problema”, de uma maneira acidental ou coincidente. Agnes era motivada a buscar por padrões e pelas “boas razões” para que as coisas ocorressem como ocorreram. Os eventos do ambiente de Agnes acarretavam, para ela, como aspectos invariáveis, que eles podiam realmente e potencialmente afetá-la e podiam ser afetados por ela. Referir-se a isso como egocentrismo de Agnes, caso se fique apenas nisso, pode ser seriamente enganoso. Para Agnes, sua convicção de que havia captado a ordem dos eventos combinados ao seu redor de uma forma acurada e realista consistia na convicção de que suas avaliações tinham de ser testadas, e eram passíveis de teste, sem jamais suspender a relevância daquilo que ela sabia, daquilo que tomava como sendo fato, suposição, conjectura e fantasia, por causa de suas feições corporais e posições sociais no mundo real. Eventos cotidianos, suas relações e sua trama causal não eram de forma alguma questões de interesse teórico para Agnes. A possibilidade de

considerar o mundo de outra maneira, “só para ver aonde isso leva” — uma suspensão e reordenação de relevâncias peculiar que os teóricos científicos empregam habitualmente — era, para Agnes, uma questão de jogada inconsequente; como ela mesma falava: “ são apenas palavras”. Quando foi convidada a considerá-lo de outra maneira, o convite correspondeu a uma proposta de se entregar a um exercício ameaçador e repugnante. Não era parte do interesse de Agnes agir em alteração ativa do “sistema social”. Em lugar disso, ela buscou seu remédio como um ajuste a este sistema. Nunca se poderia considerar Agnes uma revolucionária ou utopista. Ela não tinha “causa” e evitava essas “causas”, ao contrário do que se encontra frequentemente entre homossexuais que procuram reeducar um ambiente hostil, ou que perscrutam aquele ambiente, em busca de evidências de que ele não era o que parecia ser, mas, ao invés disso, continha, de forma mascarada, os tipos idênticos aos quais ele era hostil e punitivo. Desafios ao sistema eram, para Agnes, nada mais que riscos sem chances de sucesso. Ela queria “estar dentro”. O “comitê de credenciais” estava errado.

O tempo desempenhava um papel peculiar ao constituir para Agnes a significação da sua situação presente. Quanto ao passado, vimos a proeminência com a qual ela historicizava, compondo para si mesma e nos apresentando uma biografia socialmente aceitável. Já comentamos o fato de que o trabalho de selecionar, codificar, tornar consistentes vários elementos em uma biografia gerou uma biografia que era tão consistentemente feminina que nos deixava sem informações sobre muitos pontos importantes. Dois anos de árduas atividades femininas forneceram-lhe um insumo fascinante de novas experiências, sobre as quais esse processo de historicizar operava. Sua atitude perante sua própria história requeria sempre novas releituras da trilha que se desenrolava atrás de si, à medida que ela buscava, lendo e relendo o passado, evidências para amparar e unificar sua autoestima presente e aspirações presentes. Antes de mais nada, Agnes era uma pessoa com uma história. Ou, talvez mais precisamente, estava empenhada em práticas historicizantes que eram hábeis, incessantes e tendenciosas.

Quanto aos eventos futuros, fica-se impressionado com a prevalência com a qual

suas expectativas eram expectativas do momento certo na sequência dos eventos. Havia pouca “folga” tolerável a esse respeito. Agnes olhava para o momento certo para informar-se do caráter dos eventos. Os eventos não “simplesmente ocorriam”. Eles ocorriam com ritmo, duração e fases, e ela olhava para estes como parâmetros de seu significado e para reconhecê-los pelo “que realmente são”. Importava-lhe muito pouco os eventos caracterizados em si mesmos; ela interessava-se sobretudo por suas determinações temporais, como ritmo, duração e fases. Era uma característica proeminente do “realismo” de Agnes que ela se dirigisse a seu ambiente com uma expectativa da série programada de eventos. Ficamos impressionados com a argúcia e extensividade de sua recordação. Uma parte importante dessa impressão derivou da facilidade com a qual ela datava eventos e combinava sequências recordadas em cronologia rigorosa. O efeito dessa orientação era o de assimilar eventos tanto passados, quanto futuros, ao status de meios para atingir fins e conferir ao fluxo de experiência um sentido ininterrupto de intencionalidade prática.

Com facilidade quase memorável, um estado de coisas presente tomado como dado podia ser transformado em um estado de possibilidades problemáticas abertas. Até mesmo pequenos desvios daquilo que ela tanto esperava como requeria que acontecesse poderiam ocorrer para ela como extraordinariamente bons ou ruins em suas implicações. Ela havia adquirido, no máximo, uma rotinização instável de seus afazeres diários. Poderia-se esperar que sua preocupação com o teste prático e a extensão da deliberação, do cálculo, e tudo o mais, seriam acompanhados pelo uso de normas impessoais para avaliar suas decisões nos domínios sensível e factual, i.e., que ela saberia sobre o que estava falando, e que o que alegaria ser um caso real assim o era. Nada era assim. Agnes não considerava suas avaliações sensíveis e factuais, certas ou erradas, baseando-se em regras impessoais, lógico-empíricas. Suas regras de evidência eram de caráter muito mais primitivo. Poderiam ser resumidas em uma frase: estou certa ou errada baseando-me em quem concorda comigo. Particularmente, ela olhava para pessoas superiores em status para testar e manter a diferença entre o que, em sua situação,

ela insistia serem “fatos verdadeiros”, e o que contava como “meras aparências”. Estar certa ou errada era, para Agnes, uma questão de estar, em essência, correta ou não. Em questões relevantes para suas chances avaliadas de exercer seus direitos alegados ao status da mulher natural, normal, ela não aceitava facilmente a ideia de estar errada em qualquer grau. Para ela, a exatidão de suas avaliações de eventos era publicamente verificável, no sentido de que outras pessoas tipicamente como ela (i.e., mulheres normais) experimentaram o que ela havia experimentado de forma extremamente próxima com a maneira como ela havia experimentado esses eventos. Ela desconfiava de uma caracterização se seu sentido parecesse ser peculiar ou particular para ela e temia essa interpretação como não realista. Querendo colocar a ênfase de realidade em eventos—temendo e suspeitando a suposição—ela insistia que os eventos reais eram aqueles que fossem verificáveis por pessoas situadas semelhantemente. Situadas semelhantemente, repetindo, significava pessoas situadas como uma mulher normal. Embora admitisse que houvesse outros no mundo com problemas como os dela, nem com eles, nem com mulheres normais, era possível uma comunidade de entendimento, baseada em sua possível permutabilidade de pontos de vista. “Ninguém”, Agnes insistia, “poderia possivelmente entender realmente pelo que tenho passado”. Ao decidir a objetividade de suas avaliações de si mesma e de outros, Agnes considerava, antes de qualquer coisa, e buscava tomado como dado, que ela fosse normal e que era como os outros.

## AGNES, A METODÓLOGA PRÁTICA

As práticas de Agnes conferem às mostras de sexualidade normal em atividades cotidianas uma “perspectiva por incongruência”. Elas fazem isso tornando observável que e como a sexualidade normal é realizada através de mostras testemunháveis de conversa e conduta, como processos duráveis de reconhecimento prático, que são realizados em ocasiões singulares e particulares como uma questão de fato, com o uso por parte dos membros de contextos “vistos, mas não notados” de eventos corriqueiros, e tais que a questão situada: “que tipo de fenômeno é a sexualidade normal?”—a questão de um

membro—acompanha aquela realização como seu aspecto reflexivo, reflexividade que o membro usa, da qual depende, e a qual glosa, para avaliar e demonstrar a adequação racional, para todos os fins práticos, da questão indexical e de suas respostas indexicais.

Falar seriamente de Agnes como uma metodóloga prática é tratar como realidades seus estudos contínuos das atividades cotidianas como metodologia dos membros para produzir decisões corretas quanto à sexualidade normal em atividades cotidianas. Seus estudos muniram-na de conhecimento sobre como os aspectos organizados de cenários ordinários são usados pelos membros como procedimentos para tornar aparências-de-sexualidade-habitual passíveis de decisão como uma questão de fato. O escrutínio que ela fazia das aparências; suas preocupações com motivação, relevância, evidência e demonstração adequadas; sua sensibilidade aos dispositivos de conversa; sua habilidade em detectar e gerenciar “testes” foram alcançados como parte de seu domínio de tarefas sociais triviais, mas necessárias, para assegurar direitos ordinários de viver. Agnes estava equipada autoconscientemente para ensinar às pessoas normais como as pessoas normais fazem a sexualidade acontecer em situações corriqueiras como uma questão de fato óbvia, familiar, reconhecível, natural e séria. Sua especialidade consistia em tratar os “fatos naturais da vida” da sexualidade socialmente reconhecida, socialmente controlada, como uma produção controlada, de forma a tornar esses fatos da vida verdadeiros, relevantes, demonstráveis, testáveis, contáveis, e disponíveis para o inventário, a representação apressada, a anedota, a enumeração, ou a avaliação psicológica profissional; em suma, de forma a, inevitavelmente em harmonia com os outros, tornar esses fatos da vida visíveis e narráveis—explicáveis—para todos os fins práticos.

Em associação com os membros, Agnes de alguma forma aprendeu que e como os membros fornecem uns para os outros evidências de seus direitos de viverem como homens e mulheres bona fide. Ela aprendeu com os membros como, ao fazerem a sexualidade normal “sem terem de pensar sobre isso”, eram capazes de evitar mostras que fornecessem fundamentos ratificáveis para a dúvida de que um membro fosse sexualmente

o que parecia ser. Entre as mais críticas dessas mostras estavam particularidades indexicais situadas da conversa. Agnes aprendeu como embutir essas particularidades em conversas face a face, de forma a gerar biografias crescentemente narráveis e mútuas.

As práticas metodológicas de Agnes são nossas fontes de autoridade para o achado, e política de estudo recomendada, de que pessoas normalmente sexuadas são eventos culturais em sociedades, cujo caráter como ordens visíveis de atividades práticas consiste nas práticas de reconhecimento e produção dos membros. Aprendemos com Agnes, que tratava pessoas sexuadas como eventos culturais que os membros fazem acontecer, que as práticas dos membros por si produzem a sexualidade normal, observável-narrável, das pessoas, e o fazem apenas, inteiramente, exclusivamente em ocasiões reais, singulares, particulares, através de mostras reais testemunhadas de conversa e de conduta comum.

### AGNES, A ARTÍFICE DA PESSOA RELATÁVEL

As tensões desmedidas na vida de Agnes eram parte e parcela das práticas concertadas com as pessoas normais, através das acontecia como evidência demonstrável, para todos os fins práticos, a “mulher normal, natural” como um objeto moral e uma forma moral de sentir e agir. As práticas de passagem de Agnes nos permitem discutir dois entre muitos fenômenos constituintes que configuravam a pessoa normalmente sexuada como uma realização contingente e prática: (1) Agnes, como um caso reconhecível da coisa real, e (2) Agnes, a pessoa idêntica.

(1) O caso da coisa real. Da forma como Agnes se considerava um membro e um objeto no ambiente de pessoas normalmente sexuadas, este incluía não somente homens com pênis e mulheres com vaginas, mas, porque também a incluía, incluía uma mulher com um pênis, e, em seguida à operação, uma mulher com uma vagina feita pelo homem. Para Agnes, e para os médicos que recomendaram a operação como a coisa “humana” a se fazer, os cirurgiões retificaram o equívoco original da natureza. A admissão pesarosa de Agnes: “Nada que o homem faz é tão bom quanto algo que a natureza faz” exprimiu a verdade social realista de um membro a respeito de reivindicações de sexualidade normal. Ela, sua

família e os médicos concordavam em que lhe havia sido concedida uma vagina como o órgão que era dela por direito, que ela havia resistido à anomalia como um acidente do destino, e que, por causa de um engano cruel, ela havia sido a vítima de severas penalidades devido a um mal entendido, enquanto conduzia as tarefas de viver da melhor forma que podia como um “caso da coisa real” incompreendido. A operação forneceu a ela e aos outros evidências do caráter socialmente realista de suas alegações.

Agnes havia testemunhado, em infinitas demonstrações feitas por pessoas normais, que e como as pessoas normais acreditam que a sexualidade normal, como um caso da coisa real, é um evento em seu direito próprio e é avaliável em seus próprios termos, e que a explicabilidade da sexualidade normal podia ser distinguida pelo estudo de como os membros normalmente sexuados aparecem ao senso comum, leigo ou profissional. Essas não eram as suas crenças. Nem ela poderia crer nelas. Ao invés disso, para Agnes, em contraste com as pessoas normais, o reconhecimento corriqueiro da sexualidade normal como um “caso da coisa real” consistia em uma realização séria, situada e predominante que era produzida em concerto com os outros, por meio de atividades, cujo próprio sucesso predominante e ordinário sujeitava seu produto ao “prejuízo do mundo” de Merleau-Ponty. Sua angústia e triunfos residiam no observável, que era particular a ela e incomunicável, das etapas pelas quais a sociedade oculta de seus membros suas atividades de organização, e, assim, leva-os a ver seus aspectos como objetos determinados e independentes. Para Agnes, a pessoa normalmente sexuada observável consistia em trabalho inexorável, organizacionalmente localizado, que fornecia o modo como esses objetos surgem.

(2) A pessoa idêntica. Os modos pelos quais o trabalho e as ocasiões de passagem foram obstinadamente inflexíveis às tentativas de Agnes de rotinizar suas atividades diárias sugerem o quanto estão profundamente encaixadas nas aparências-de-sexualidade-normal para o reconhecimento dos membros em cenas corriqueiras como tramas de relevâncias inevitáveis e não percebidas. Os dispositivos de gerenciamento de Agnes podem ser descritos como medidas pelas quais ela tentava exercer

controle sobre o conteúdo modificado e a trama modificada de relevâncias. Voltados, em seu curso, para adquirir a identificação temporal de si mesma como a mulher natural, normal, seus dispositivos de gerenciamento consistiam no trabalho, por meio do qual ela solucionava continuamente o problema da constância do objeto estava continuamente sob solução. Seus “dispositivos “ consistiam no seu trabalho de tornar observável, para todos os fins práticos, a valiosa pessoa sexuada que permanece visivelmente idêntica a si mesma através de todas as variações de aparências reais.

Agnes frequentemente tinha de lidar com essa constância explicável como uma tarefa e de um modo deliberado. Seu trabalho de gerenciamento consistia em ações para controlar a textura cambiante do que era relevante. Era essa trama que ela e os outros consultavam em busca de evidências de que ela era a mesma pessoa, originalmente, em primeiro lugar, e o todo o tempo, que havia sido e continuaria a ser. Agnes estava bem consciente dos dispositivos que usava para tornar visível a constância da valiosa e idêntica mulher natural, normal. Mas sua pergunta: “dispositivos para quê?” inseparavelmente acompanhava essa consciência.

Com essa pergunta, Agnes zombava de discussões científicas sobre papéis sexuais, que retratam como os membros estão empenhados em tornar explicável a sexualidade normal. Ela achava divertido e inocente considerar as atividades de uma pessoa normal e as suas como atividades daqueles que desempenham, ou fazem, um papel, que sabem e buscam estabelecer e legitimar a aquiescência a expectativas socialmente padronizadas de sexualidade normal com suas “consequências funcionais” sobre as quais, antes de encontrar ocasiões reais, nas quais se apliquem, a pessoa normal pode “conversar”, dadas as várias coisas que pode estar fazendo com algo que seja “dito”, e, na ocasião real, usá-las para exercer a escolha entre formas de conversa e conduta apropriadas. Igualmente divertidas eram as variedades de pessoas normalmente sexuadas certificadas psicologicamente, cujas possibilidades, segundo uma versão favorecida, são fixadas cedo na vida pelas estruturas sociais da família de infância como um programa complicado de reforços; ou a pessoa normal

biológica que é, afinal, de um sexo ou de outro, pelo excedente que permanece na coluna apropriada, quando os sinais são avaliados aritmeticamente; ou a pessoa normal sociológica, para quem a sociedade é uma tabela de organização, de forma que “posições” e “status” sexuais e seus possíveis desvios sejam designados e legitimados como uma condição para manter essa tabela de organização e por outras “boas razões”.

Cada um fornece um método corriqueiro para teorizar, a partir de um reconhecimento, um fenômeno problemático e demoníaco: *o incessante gerenciamento de si mesma como a mulher natural, idêntica a si, constante, e como um caso da pessoa real e valiosa, por meio de demonstrações ativas, sensatas, orientadas judiciosamente, inevitavelmente visíveis, em situações práticas de escolha de senso comum.*

A preocupação permanente de Agnes era que esse fenômeno estivesse acontecendo. Seus dispositivos estavam continuamente direcionados, de fato, consistiam em um gerenciamento maquiavélico de circunstâncias práticas. Mas, para gerenciar de maneira maquiavélica suas cenas de atividade, ela tinha de confiar em seus aspectos relevantes e estar segura de que seus companheiros normais estavam fazendo isso também. Ela diferia das pessoas normais, em cuja companhia e com cuja ajuda não reconhecida ela “gerenciava” a tarefa de produção de manter essa confiança em boas condições. Aí, encontramos sua perspicácia, sua sensibilidade, sua discriminação na hora de selecionar, sua preocupação e conversa, e suas práticas hábeis para fornecer, reconhecer “boas razões” e usá-las e torná-las verdadeiras. Enumerar os dispositivos de gerenciamento de Agnes e tratar suas “racionalizações” como se estivessem direcionadas ao controle de impressões e deixar passar dessa forma, o que se faz usando o ideal clínico de Goffman, eufemiza o fenômeno ao qual seu caso chama a atenção. Na condução de seus afazeres cotidianos, ela tinha de escolher entre cursos alternativos de ação, muito embora o objetivo que estava tentando atingir muito frequentemente não estivesse claro para ela antes de ter de desempenhar as ações, por meio das quais algum objetivo poderia, no final, ter sido realizado. Nem havia ela tido quaisquer garantias de quais poderiam ser as consequências

da escolha, antes ou além de ter de lidar com elas. Nem havia regras claras que ela pudesse consultar para decidir a sabedoria da escolha, antes de que a escolha tivesse de ser exercida. Para Agnes, as rotinas estáveis da vida cotidiana eram realizações “desengajadoras” asseguradas por cursos ininterruptos, momentâneos e situados de improvisação. Em todos esses estava a presença habitual da conversa, de forma que, como quer que a ação se desse, mal ou bem, seria requerido dela que se “explicasse”, que fornecesse “boas razões” para ter agido como fez.

É bem conhecido que as pessoas “racionalizam” as ações passadas, situações presentes e perspectivas futuras de si mesmas e dos outros. Se eu estivesse falando somente disso, este relato consistiria em mais uma versão autorizada do que todos sabem. Ao invés disso, usei o caso para indicar por que é que as pessoas requerem isso umas das outras, e para constatar novamente, como um fenômeno sociológico, como “ser capaz de dar boas razões” não apenas depende, mas contribui para a manutenção de rotinas estáveis de vida cotidiana, na medida em que essas rotinas são produzidas de “dentro” das situações como aspectos das situações. O caso de Agnes nos instrui sobre o quanto “estabilidade de valor”, “constância de objeto”, “controle de impressão”, “comprometimentos com aquiescência a expectativas legítimas”, “racionalização” estão intimamente ligados ao trabalho inevitável do membro de chegar a um acordo sobre as circunstâncias práticas. É com respeito a esse fenômeno que, ao examinar a passagem de Agnes, estive preocupado com a questão de como, durante o curso temporal de seus engajamentos reais, e “conhecendo” a sociedade apenas de dentro, os membros produzem atividades práticas estáveis, explicáveis, i.e., as estruturas sociais das atividades cotidianas.

## APÊNDICE DO CAPÍTULO CINCO

Em fevereiro de 1967, enquanto o presente volume estava sendo impresso, eu soube por intermédio do meu colaborador Robert J. Stoller, Doutor em Medicina, que Agnes lhe tinha revelado em outubro de 1966 que ela não era um indivíduo do sexo masculino com anomalia biológica. Transcrevo, mediante autorização, este importante trecho do texto recém-concluído de seu livro *Gender Identity*:

“Há oito anos, quando esse programa de pesquisa havia completado apenas um ano, encontramos uma paciente com um tipo excepcional de um distúrbio ainda mais raro: síndrome dos testículos feminilizantes - uma condição, em que se detecta que os testículos produzem estrogênios em quantidade suficiente para inibir a masculinização do feto do sexo masculino, o que resulta no desenvolvimento de órgão genitais femininos e de caracteres sexuais secundários femininos na puberdade. O que diferenciava esse caso particular dos demais era o fato de que a paciente tinha características sexuais secundárias completamente femininas (seios e outros tipos de distribuição de gordura subcutânea; ausência de barba e de pelos no peito e nas pernas; feminilização da cintura pélvica; pele macia e muito feminina) apesar do pênis de tamanho normal e dos testículos. As vísceras abdominais indicavam um indivíduo normal do sexo masculino. Após uma longa bateria de exames, incluindo análise microscópica do tecido testicular, concluímos que os achados eram compatíveis com o diagnóstico de produção de estrogênio pelos testículos. Um relatório sobre esses achados foi publicado (vide nota número 6 deste capítulo). Na época desse diagnóstico, a paciente contava com 19 anos de idade e vivia como uma garota havia dois anos sem levantar qualquer suspeita. Até onde ela conseguiu se lembrar, ela queria ser uma menina e se sentia como uma menina, ainda que tivesse consciência de que tinha um corpo de menino e era tratado como tal pela família e pela sociedade. Levamos em consideração a possibilidade de ela ter tomado estrogênios por conta própria; mas, por fim, descartamos tal hipótese pelas razões a seguir: 1) ela negou veementemente ter tomado estrogênios na época em que ela nos revelou tantos outros detalhes de seu passado, que poderiam ser igualmente constrangedores; 2) mesmo depois de passar pelo processo cirúrgico que tanto queria, ela continuou negando ter tomado estrogênios; 3) para que tivesse efetivado as alterações biológicas encontradas nos exames clínicos e laboratoriais, ela teria que ter tomado o medicamento certo na dosagem e época certas, ainda na puberdade, para que seu corpo atingisse o estado em que se encontrava aos 19 anos de idade; a nosso ver, essa quantidade de informação sobre endocrinologia e de conhecimento sofisticado sobre a maturação feminina estaria muito além das possibilidades dessa pessoa aos 12

anos de idade. Não há casos na literatura médica de Endocrinologia de indivíduos do sexo masculino que tenham recebido doses substanciais de estrogênios a partir da puberdade; 4) ela foi acompanhada de perto durante a internação pré-operatória e seus pertences foram revistados; não foram encontrados estrogênios; logo após a remoção dos testículos, ela entrou em menopausa, o que forneceu boa prova de que os testículos eram a fonte dos estrogênios; 5) quando os testículos foram examinados ao microscópio e enviados a especialistas de outros centros médicos para confirmação, o tecido foi avaliado como sendo capaz de produzir síndrome dos testículos feminilizantes; 6) exames pós-operatórios revelaram que os testículos continham mais do que o dobro de estradiol presente em um homem adulto normal;

Não sendo considerada um caso de transsexualidade, ela teve os órgãos genitais cirurgicamente transformados de forma que o pênis e os testículos foram removidos e uma vagina artificial foi constituída a partir da pele do pênis. Ela logo se casou, mudou de cidade e passou a viver totalmente como uma mulher. Ela subsequentemente manteve contato ao longo dos anos e, de vez em quando, eu tinha a chance de conversar com ela e saber como estava levando a vida.

Cinco anos mais tarde ela voltou, tendo feito a passagem com sucesso para a condição de mulher, trabalhando como uma mulher e levando uma vida sexual satisfeita e bastante ativa, como uma mulher jovem, bonita e com muitos amigos. Ao longo dos anos, ela tinha aprendido todos os pormenores da feminilidade das mulheres da mesma faixa etária e da classe social a que ela pertencia, tendo observado cuidadosamente o comportamento de suas amigas. Pouco a pouco, ela ficou mais tranquila em relação a quaisquer possíveis defeitos de sua feminidade; a certeza mais importante ela obtinha dos homens com quem fazia amor, os quais nunca reclamaram de que havia uma mínima suspeita sequer do seu corpo. Contudo, ela ainda não estava convencida de que sua vagina era normal o bastante; então a encaminhei a um urologista que, por sua reputação, estava em posição privilegiada para falar com ela como uma autoridade; ele disse a ela de maneira muito clara que seus órgãos genitais estavam acima de qualquer suspeita. [...]

Logo após as boas notícias que

ela recebeu do urologista, no meio da nossa conversa, com a maior descontração e sem qualquer cerimônia, depois de ter escondido de mim por oito anos, ela confessou que nunca tinha tido qualquer anomalia biológica que a feminilizasse, e que tomava estrogênios desde os 12 anos de idade. Nos primeiros anos de nosso contato, ela disse não só que sempre tivera a esperança de que quando crescesse teria um corpo de mulher, mas também que isso começou na puberdade, ocorrendo de forma espontânea, gradual mas constante. Em compensação, ela, então, revelou que assim que entrou na puberdade, na época em que sua voz tinha começado a ficar mais grossa e seus pelos pubianos começavam a se desenvolver, ela passou a roubar estilbestrol da mãe, que tomava a medicação em consequência de uma histerectomia total. Ainda quando criança, ela começou a prescrever para si mesma o medicamento, dizendo ao farmacêutico que estava buscando o hormônio para a mãe e pagando o medicamento com o dinheiro que pegava da bolsa da mãe. Ela não imaginava quais seriam os efeitos, mas sabia que aquela era uma substância feminina; tampouco fazia ideia da quantidade que teria que usar, mas tentava seguir mais ou menos a dosagem que a mãe tomava. Ela manteve isso por toda a adolescência; por ter começado, por acaso, a tomar o hormônio na época certa, ela conseguiu inibir o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários que seriam produzidos pelos androgênios e, ao invés disso, os substituiu por aqueles que resultaram dos estrogênios. Não obstante, seu corpo continuou a produzir androgênios, tanto que desenvolveu um pênis adulto de tamanho normal, com capacidade de ereção e orgasmo, até que a excitação sexual foi suprimida aos 15 anos. Então, ela se tornou uma “mulher” jovem, linda de se ver, mesmo com um pênis de tamanho normal. [...]

Meu desgosto de saber disso foi compensado pela minha admiração de ver que ela fez essa jogada com muita habilidade. Agora que podia ser franca comigo, pela primeira vez ela relatou muito mais novidades sobre a infância e permitiu que eu conversasse com sua mãe, algo que tinha sido proibido nesses oito anos”.

Essa novidade transformou o presente artigo num exemplo dos mesmos eventos que ele descreve, i.e., em um relatório situado. De fato, se o leitor fizer uma releitura do artigo à luz dessas

revelações, descobrirá que a leitura fornece uma exibição de vários fenômenos predominantes no estudo etnometodológico: 1) que a relatibilidade reconhecidamente racional das ações práticas é uma realização prática feita por um membro, e 2) que o sucesso dessa realização prática consiste no esforço, pelo qual uma situação, ao mesmo tempo em que consiste numa organização reconhecida e familiar de atividades, também mascara para os membros os hábitos de ordenação prática dos membros e, assim, leva os membros a enxergarem as características dessa situação, as quais incluem a descrição dos eventos dessa situação, “como objetos determinados e independentes.”

Após as revelações de Agnes, Stoller aproveitou a ocasião para gravar em fita 15 horas de entrevistas com ela e sua mãe. Conduziremos um estudo posterior utilizando os detalhes dessas revelações a fim de analisar o fenômeno supracitado. Planejamos, com o uso dos novos materiais, analisar novamente as primeiras conversas gravadas, verificar as gravações subsequentes e fazer uma releitura do presente artigo. Para assinalar essa intenção, chamamos o artigo original de Parte 1.

## Notas

1 Em colaboração com o doutor Robert J. Stoller, Instituto de Neuropsiquiatria, Universidade da Califórnia, Los Angeles. A segunda parte, escrita apenas por Garfinkel, é o apêndice a este capítulo, que na edição original, aparece ao final do livro.

2 A. D. Schwabe, David H. Solomon, Robert J. Stoller, e John P. Burnham, “Pubertal Feminization in a Genetic Male with Testicular Atrophy and Normal Urinary Gonadotropin”, *Journal of Clinical Endocrinology and Metabolism*, 22, N° 8 (August, 1962), 839-845.

3 genitais foram destruídos como parte de feridas mortais heróicas, etc.

4 Nem assim é necessária informação adicional que compare Agnes com as pessoas normais no que diz respeito à possibilidade de que os normais aceitem melhor a escolha voluntária do que ela a aceitou. Por exemplo, várias pessoas leigas, às quais se contou sobre o seu caso, expressaram considerável simpatia. A simpatia residiu no fato de que ela deveria ter sido confrontada com a escolha em primeiro lugar.

5 Parsons trata o conceito de “adscrição” como um “conceito relacional” Qualquer característica de um objeto pode ser tratada pelo ator de acordo com a regra

de sua invariabilidade para considerações sobre adaptação e realização de objetivos. A tal propriedade para o trato de quaisquer características de objetos sociais Parsons chama de “adscrição”. O sexo de uma pessoa é uma ilustração comum disso, mas não pelas propriedades do sexo, mas porque, e somente porque, o sexo das pessoas é frequentemente tratado dessa maneira.

6 Nota: A seguinte descrição alternativa do período de duas semanas seguintes imediatamente à operação foi escrita por Robert J. Stoller. As razões para incluí-la são esclarecidas na conclusão do estudo.

“Uma das ‘ocasiões não analisáveis como um jogo’ mais dramáticas começou com a operação de castração e durou por aproximadamente dois meses. Começando imediatamente no estágio pós-operatório, Agnes tentou manter sua privacidade ao controlar os cuidados com sua vagina preparando ela mesma os banhos de assento prescritos e mudando suas próprias vestes cirúrgicas. Ela insistiu em fazer isso fora da vista de enfermeiras e funcionários do hospital, o que pode ter contribuído para o ressentimento que as enfermeiras sentiam por ela. Imediatamente no estágio pós-operatório, ela desenvolveu trombo-flebite bilateral das pernas, cistite, contratura do meato uretral, e apesar do molde plástico que foi inserido dentro de sua vagina no momento da cirurgia, havia uma tendência do canal vaginal a contrair-se. Ela também requereu pós-operatoriamente vários procedimentos cirúrgicos menores para modificação dessas complicações, e também para posicionar o tecido do ex-escroto para fazer o lábio externo parecer mais normal. Apesar do molde plástico, o canal da vagina recém-feita tinha uma tendência a fechar e cicatrizar, o qual requeria intermitentes manipulações do molde e dilatações diárias. Essas condições não somente eram dolorosas ou desconfortáveis, como também, apesar de menores, uma vez que eram frequentes, produziam a preocupação crescente de que o procedimento cirúrgico não terminaria com o resultado desejado de uma funcionalidade e conjunto aparente de uma genitália feminina normal. Apesar de essas condições tensas terem sido cuidadosamente tratadas (e, eventualmente, com sucesso), no momento em que ela estava bem o suficiente para ir para casa, essas complicações ainda não estavam totalmente resolvidas. Durante sua primeira semana em casa, havia dificuldades, com ocasional incontinência urinária e fecal. Além disso, suas atividades físicas tinham de ser restritas devido à dor. A cistite não se curou imediatamente com tratamento, mas persistiu por algumas poucas semanas, produzindo sintomas desagradáveis, variando de frequência urinária, urgência e ardência ao urinar até surtos de considerável dor pélvica. Cerca de duas semanas após a cirurgia, um outro grupo de sintomas muito desagradáveis se desenvolveu. Ela gradualmente se tornou cada vez mais fraca e cansada, ficou apática, perdeu seu apetite, perdeu uma grande quantidade de peso, de forma que seus seios e quadris tornaram-se notavelmente menores, sua pele perdeu a aparência macia e vivaz e se tornou pálida; ela perdeu interesse em sexo; e rapidamente tornou-se cada vez mais deprimida, sendo sujeita a repentinos ataques de choro incontrolável. A primeira vez em que ela foi vista por nós após seu retorno para casa, ela apresentou essa situação. Pareceu uma depressão típica e moderadamente severa. Pareceu ser uma forte evidência de que um erro fora cometido. A operação fora realizada primariamente por razões psicológicas; fora o julgamento da equipe

médica que a sua identidade estava tão fortemente fixada na direção feminina que nenhuma forma de tratamento poderia fazê-la masculina. Além disso, sentia-se que ela era inequivocamente sincera em suas expressões de desespero a respeito de sua situação anatômica anômala, e seus sentimentos de que, se alguém tentasse torná-la um homem, não apenas as tentativas seriam inúteis como também iriam levá-la ao desespero, ou mesmo ao suicídio. Sempre há a possibilidade, quando um paciente faz tais alegações sobre o que eles querem na realidade, de haver mais ambivalência presente do que é observável, e é da responsabilidade dos especialistas fazer a avaliação para determinar que tal grau de ambivalência não existe. Havíamos sentido, sem dúvida, que nossa avaliação era extensiva e adequada e que revelou que essa paciente estava tão bem segura de sua feminilidade tanto quanto estão várias mulheres anatomicamente normais, e que qualquer masculinidade latente ou vestigial presente não era maior em grau ou qualidade que aquela encontrada em mulheres anatomicamente normais. Se esse julgamento estivesse errado, então seria esperado que a incondicionalidade da operação da castração, o fato inalterável e incontestável da perda da genitália masculina iria, quando o paciente estivesse frente a essa realidade, produzir uma severa reação psicológica apenas se a masculinidade escondida e desejos inconscientes de ser um homem fossem fortes o bastante e tivessem passado despercebidos por nós.

Logo, ao sermos confrontados com um paciente severamente deprimido, nós tivemos a evidência presuntiva de que um erro no julgamento havia sido feito e de que o paciente estava agora deprimido por ter perdido sua insígnia de masculinidade. Assim, a clara listagem de todos esses sintomas clássicos de depressão não foi certamente uma ocasião feliz para os investigadores. Contudo, próximo ao fim de seu relato, um sintoma adicional foi mencionado. Ela relatou que estivera tendo episódios cada vez mais frequentes de sudorese repentina, acompanhada por uma sensação muito peculiar a qual começou em seus dedos dos pés e seguiu por suas pernas, passando por seu tronco e chegando até sua face, uma sensação de calor arremetida. Estava tendo acessos de calor devido a uma menopausa cirúrgica. Quando a operação foi realizada e seus testículos removidos, a fonte dos estrogênios que haviam produzido todo o complicado cenário anatômico das características sexuais secundárias de uma mulher foi removida. Logo, ela desenvolvera acentuadamente uma síndrome de menopausa nada diferente do que é frequentemente visto em mulheres jovens que têm seus ovários removidos. Cada um desses sintomas nomeados acima pode ser explicado pela perda crítica de estrogênio (embora isso não seja o mesmo que dizer que a síndrome de menopausa em mulheres anatomicamente normais seja comumente explicada simplesmente devido à diminuição de estrogênio). Nesse momento, exames de hormônio revelaram um aumento no FSH (hormônio foliculo estimulante) urinário e a ausência de estrogênio na urina. Ela foi imediatamente submetida a uma terapia de reposição de estrogênio e todos os sinais e sintomas acima desapareceram. A depressão desapareceu, ela recuperou seu interesse pela vida e sua libido; seus seios e quadris retornaram a seus tamanhos normais; sua pele voltou à sua aparência mais comumente feminina, e daí por diante.

Pode ser interessante mencionar brevemente os achados patológicos dos testículos. Eles estavam severamente modificados em relação aos do homem normal como um resultado da presença crônica de estrogênios em seu meio,

de modo que, em suma, a evidência patológica normal para a produção de esperma fértil era ausente. Várias formas degenerativas e abortivas de espermatogênese foram encontradas nas células anormais. No entanto, nenhum tumor foi encontrado, e não havia evidência de uma ovotéstis (isto é, uma condição hermafrodita na qual tecidos ovariano e testicular são encontrados no mesmo órgão). A conclusão do endocrinologista foi a de que Agnes 'apresentou um quadro clínico que aparentou sugerir uma superimposição de um excesso de estrogênio sobre o substrato de um homem normal', o que não pode ser explicado, e o que portanto a fez singular na literatura endocrinológica, é que até mesmo na presença de produção suficientemente abundante de estrogênio para produzir características sexuais secundárias completamente femininas, o desenvolvimento do pênis de tamanho normal na puberdade não foi interrompido. Não há, nesse momento, uma explicação adequada para essa anomalia.

É seguro assumir que os achados da depressão se deram simplesmente devido à perda aguda de estrogênio em seguida à castração. Agnes nunca vivera episódio parecido anteriormente; o episódio foi abruptamente terminado pela administração de estrogênio e tal episódio não ocorreu novamente. Ela está utilizando estrogênio diariamente desde então.

Agnes subsequentemente teve de retornar ao hospital para tratamento posterior de cistite e para um procedimento cirúrgico menor de abrir completamente o canal vaginal. Sua evolução subsequente cirúrgica e endocrinologicamente foi sem intercorrências."

7 Erving Goffman, *The Presentation of Self in Everyday Life*, University of Edinburgh, Social Sciences Research Centre, 1956.

8 Esta e as observações no restante deste parágrafo foram obtidas pela revisão dos comentários iluminadores de Hubert L. e Patricia Allen Dreyfus (em sua introdução de tradutores a Maurice Merleau-Ponty, *Sense and Non-Sense* [Evanston, Ill.: Northwestern University Press, 1966], pp. x-xiii) de forma a tornar seu sentido modificado disponível para os meus interesses.

9 Esse conhecimento emprestava às suas descrições desse trabalho um caráter "performativo" inevitável. Essa propriedade de suas descrições da sexualidade normal transformava as exibições que, tanto quanto qualquer coisa, distinguiam para nós sua conversa sobre sexualidade normal da conversa sobre sexualidade normal feitas pelas pessoas normais.

10 Consultada a bibliografia de Stoller, não foi encontrado esse livro. Stoller apresentou o caso de Agnes no *International Psychoanalytic Congress in Copenhagen* (1967), publicou-o no *International Journal of Psycho-Analysis* (1968) e no livro *Sex and Gender* (1968), que teve grande repercussão. Provavelmente a confusão de Garfinkel se deve ao fato de ele ter usado o manuscrito de Stoller, e não o livro, que saiu apenas em 1968, um ano após a publicação dos seus *Estudos de Etnometodologia*. (N T).